

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Física  
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática

**OLHAR PARA O SOL: CONCEPÇÃO DA  
ANÁLISE FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA**

GEISA DA SILVA MEDEIROS

**Porto Alegre  
2016**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Física  
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática

**OLHAR PARA O SOL: CONCEPÇÃO DA  
ANÁLISE FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA**

**GEISA DA SILVA MEDEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática (PPGEDUCEM) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. João Bernardes da Rocha Filho

**Porto Alegre  
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M488o	Medeiros, Geisa da Silva Olhar para o sol : concepção da análise fenomenológica hermenêutica / Geisa da Silva Medeiros. – 2016. 59 f. : il. ; 30 cm  Apresenta bibliografia. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, 2016. Orientação: Prof. Dr. João Bernardes da Rocha Filho.  1. Fenomenologia. 2. Hermenêutica. 3. Educação. 4. Pesquisa. I. Título.  CDU 2. ed.: 165.62
-------	--

Índice para o catálogo sistemático:

1. Fenomenologia	165.62
2. Hermenêutica	801.73
3. Educação	37
4. Pesquisa	001.8

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária  
Roberta da Silva Freitas – CRB 10/1730

GEISA DA SILVA MEDEIROS

**"OLHAR PARA O SOL: CONCEPÇÃO DA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA  
HERMENÊUTICA"**

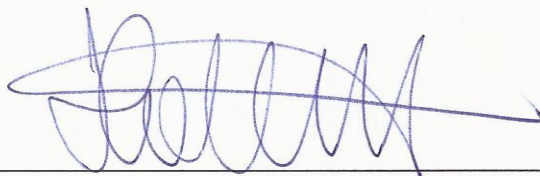
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Aprovado em 18 de março de 2016, pela Banca Examinadora.



---

Dr. João Bernardes da Rocha Filho (Orientador - PUCRS)



---

Dr. Francisco Catelli (UCS)



---

Dra. Miriam Pires Correa de Lacerda (PUCRS)

## AGRADECIMENTOS

A oportunidade deste momento em estar aqui, em poder transcender na verdade pré-determinada, possibilitando um viver em filosofia.

Ao meu eterno amor! Meu companheiro, meu melhor amigo, meu confidente, meu apoio em todas as horas, mesmo em momentos distantes psicologicamente mas presente pessoalmente. Amor, TE AMO!

Ao meu orientador, Prof Dr. João Bernardes da Rocha Filho, inspiração para meu caminhar ao longo deste novo caminho que nos aventuramos em trilhar. Com as pedras ao longo do caminho foi possível construirmos nossa escada para desbravar novos rumos antes não aventurados, por preconceitos, pressupostos e ideologias que não se encontram na nossa essência. Obrigada: por ter acreditado que era possível, que podemos realizar inovações - em seu sentido mais amplo - no ensino de ciências, que podemos quebrar paradigmas, que podemos realizar transdisciplinaridade na prática, que podemos fazer a diferença mesmo quando vários são contrários. Agradeço pelas conversas e interações para desenvolvimento do meu próprio *eu* como pessoa e pesquisadora. És um MESTRE, não em especialização, mas em sabedoria de viver!

Aos docentes e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que contribuíram através de seus ensinamentos, concepções e críticas.

Aos professores da banca examinadora, Prof. Dr. Francisco Catelli e Profa Dra. Miriam Pires Corrêa de Lacerda, que se dispuseram abertamente a ler e avaliar criticamente estas laudas.

À CAPES pelo incentivo financeiro.

*Como vemos o mundo em que vivemos? Em que medida somos originais ou apenas reprodutores de uma percepção já pré-fabricada e padronizada dos diversos fenômenos e elementos do ambiente que nos cerca, induzida pela cultura hegemônica, por uma forma rotinizada de vivenciar o mundo, e por uma subjetividade pessoal medrosa, defensiva, que teme a variação, o novo, a aventura interior e a ousadia de transformar a história?*

*(VASCONCELOS, 2007, p.23).*

## RESUMO

A fenomenologia, para educadores dialógicos, se apresenta como instrumento essencial na avaliação crítica e, na construção das diferentes visões de mundo, às quais conduzem ao ensino. Possibilita a verificação, estudo e esclarecimento dos fenômenos em sala de aula, bem como os relacionados às perspectivas e orientações do pesquisador no ensino. Para sua articulação, é aplicável a hermenêutica, como compreensão da realidade, na observação reflexiva/refletiva e descritiva dos fenômenos, com consciência intencional e objeto intencionado. A hermenêutica nasce na fenomenologia, da necessidade do aprender junto, de compreender a realidade, de captar as intenções na sua essência mais pura no contexto dos acontecimentos. A fenomenologia hermenêutica permite compreensão e interpretação provindas da imersão do observador no mundo do observado, a aproximação com o fenômeno e a reestruturação da própria visão de mundo. A proposição de uma pesquisa qualitativa para o ensino, com estas concepções, permite ir ao significativo, que emerge na aproximação com o fenômeno em si que, fundamentado na compreensão e na interpretação, busca o significado a partir do contexto onde o significativo se mostra, com a inserção das visões de mundo do próprio pesquisador, como sujeito ativo de sua pesquisa.

Palavras-chave: Ensino em Ciências. Pesquisa Qualitativa. Fenomenologia. Hermenêutica.

## **ABSTRACT**

The phenomenology, for dialogic educators, presents itself as essential tool in the critical evaluation and in the construction of different world views, for the teaching. Enables verification, study and explanation of phenomena in the classroom as well as those related to the prospects and directions of research in education. For your articulation, hermeneutics is applied, as understanding of reality, in the reflective/reflected and descriptive observation of phenomena with intentional consciousness and intended object. The hermeneutics was born in phenomenology, at the need to learn together, to understand reality, to grasp the intentions in its purest essence in the context of events. The hermeneutic phenomenology allows understanding and interpretation provides in the immersion of the observer in the world of observed, the approximation with the phenomenon and the restructuring of own worldview. The proposition of a qualitative research for teaching, with these conceptions, allows go to significant, emerging in the approximation in the phenomenon itself that, based on understanding and in the interpretation, search the meaning from the context in which the signifier is shown, with the inclusion of worldviews of the researcher himself, as an active subject of his research.

Key-words: Education in Science. Qualitative Research. Phenomenology. Hermeneutics.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pilares da análise fenomenológica hermenêutica. ....	41
Figura 2 - Circularidade para aplicação da AFH.....	44
Quadro 1 - Metodologia para aplicação da IES. ....	49

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES .....</b>	<b>11</b>
<b>PARTE I</b>	
<b>ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS FENÔMENOS.....</b>	<b>17</b>
A Fenomenologia .....	18
A Hermenêutica .....	26
As Fenomenologias Reflexiva e Hermenêutica .....	31
A Fenomenologia Hermenêutica na Pesquisa em Ensino em Ciências .....	35
<b>PARTE II</b>	
<b>PROPOSTA DA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA .....</b>	<b>39</b>
A Interpretação Essencial Sintética.....	47
<b>PARTE III</b>	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente (DESCARTES, 1983, p. 9).

No ensino contemporâneo ainda há estudantes e professores que atuam com influência do positivismo<sup>1</sup>, sendo este caracterizado por uma interpretação filosófica da realidade<sup>2</sup> que contempla o ato social como *coisa*<sup>3</sup>, sem inferência à intencionalidade, por meio de um ensino de ciências *leigo* guiado pelo currículo multidisciplinar fragmentado e pelas “máquinas de ensinar” (THUMS, 2003, p. 312), cujo método reducionista<sup>4</sup> impede as possibilidades para a prática<sup>5</sup>. No contexto dessa interpretação, a abordagem disciplinar é natural. Centrados na disciplina, todos os envolvidos com a escola transitam entre conteúdos sem significados, entre textos pelos textos, e sem intenção ou formulação de questionamentos a respeito do imposto pelo currículo. De acordo com Morin (2007, p. 40):

[...] a instituição disciplinar acarreta, simultaneamente, um risco de hiperespecialização do investigador e um risco de ‘coisificação’ do objeto estudado, percebido como uma coisa em si, correndo-se o risco de esquecer que o objeto é extraído ou construído. [...] A fronteira disciplinar, com sua linguagem e com os conceitos que lhes são próprios, isola a disciplina em relação às outras e em relação aos problemas que ultrapassam as disciplinas. Desse modo, o espírito hiperdisciplinar corre o risco de se consolidar, como espírito de um proprietário que proíbe qualquer circulação estranha na sua parcela de saber.

<sup>1</sup> “O positivismo admite apenas o que é real, verdadeiro, inquestionável, aquilo que se fundamenta na experiência. Onde a escola deve privilegiar a busca pelo prático, útil, objetivo, direto e claro” (ISKANDAR; LEAL, 2002, p. 03).

<sup>2</sup> “[...] ‘o real é a realidade que ele conhece’” (MINAYO, 1992, p. 21).

<sup>3</sup> “[...] a principal influência do positivismo nas ciências sociais foi a utilização dos termos de tipo matemático para a compreensão da realidade e a linguagem de variáveis para especificar atributos e qualidade do objeto de investigação” (MINAYO, 1992, p. 30).

<sup>4</sup> O ensino é metodologicamente dividido em partes para estudar o todo, cujos significados e fenômenos mais complexos podem ser reduzidos para uma explicação mais simples (PESSOA JÚNIOR, 2010).

<sup>5</sup> “[...] problematização de conceitos usualmente empregados para construção do conhecimento e numa teorização sobre a prática de pesquisa, entendendo-se que nem a teoria e nem a prática são isentas de interesse, de preconceito e de incursões subjetivas” (MINAYO, 1992, p. 10).

A questão não está no aspecto da disciplina como origem, pois sem esta não é possível interdisciplinaridade ou multidisciplinaridade, a intencionalidade<sup>6</sup> evidenciada é dirigida ao professor, pois a este cabe desenvolver-se dialogicamente<sup>7</sup>, implicando em um pensamento<sup>8</sup> crítico, capaz de questionar o poder e transformar a realidade<sup>9</sup> no mundo<sup>10</sup>, pela modificação das *visões de mundo*<sup>11</sup> e das relações a serem estabelecidas. Uma proposta para estas mutações<sup>12</sup> seria a estipulada por Freire (1987), onde a escola e o ensino se fundamentam no diálogo permanente entre o professor e sua visão de mundo com a realidade, que se reflete nos estudantes e inclui o próprio professor, sua escola, sua comunidade e o Universo em que habita, sem dicotomia, num movimento de interligação dos sujeitos, remetendo à fenomenologia<sup>13</sup>.

Para educadores dialógicos<sup>14</sup>, a fenomenologia se apresenta como instrumento essencial na avaliação crítica e - na construção das diferentes visões de mundo, as quais conduzem ao ensino. Essa, por sua vez, possibilita a verificação dos fenômenos em sala de aula (aspectos físicos, comportamentais e psicológicos

---

<sup>6</sup> Refere-se ao estatuto da consciência, cujo conhecimento é originário de uma consciência intencional (COELHO JÚNIOR, 2002).

<sup>7</sup> Processos relacionais entre sujeitos, o mundo e consigo mesmo, mediante um referencial crítico cujas inter-relações são estruturadas no diálogo (FREIRE, 1987).

<sup>8</sup> “[...] pensamento e consciência são fruto da necessidade, eles não são um ato ou entidade, são um processo que tem como base o próprio processo histórico” (MINAYO, 1992, p. 20).

<sup>9</sup> O real, nesse contexto, é resistente a qualquer representação, experiência, descrição, imagem ou formalização matemática. Pode ser considerado como uma dimensão *transsubjetiva*, cujo sistema é invariante sob a ação das leis gerais (NICOLESCU, 1999). Está relacionada ao método de escolha (consciente) para observação e percepção (inconsciente), podendo ser mutável ao social, relacional, emocional, conceitual e/ou cultural. A “realidade é múltipla e sempre nos deixa em dúvida” (CORDEIRO; SPINK, 2013, p. 345).

<sup>10</sup> Como conceito de mundo, utiliza-se o denominado pelos estudos heideggerianos, em que o “*Mundo* é a estrutura prévia de sentido sempre pressuposta onde falamos de enunciados verdadeiros e falsos, sendo que dele mesmo nada se pode predicar que seja verdadeiro ou falso” (STEIN, 2000, p. 33).

<sup>11</sup> “Visão de mundo é uma janela conceitual, através da qual nós percebemos e interpretamos o mundo, tanto para compreendê-lo como para transformá-lo” (TÔRRES, 2005, p. 01).

<sup>12</sup> Optou-se pela utilização do termo mutação, pois na biologia este remete a modificações no material hereditário da vida (DNA) e, assim como podem ocorrer modificações no material genético, incentiva-se o professor a promover mutações em seu estilo de vida, para novas transformações em seu ser e nas inter-relações.

<sup>13</sup> Este termo será definido posteriormente com maior embasamento e, relacionado ao objetivo desta pesquisa. Mas para identificação inicial, têm-se a fenomenologia como o estudo dos fenômenos e suas manifestações, objetivando a essência do que se mostra.

dos alunos e professores), bem como os relacionados às perspectivas e orientações do professor e do pesquisador no ensino de ciências, para ao próprio fenômeno esclarecê-lo e estudá-lo em si mesmo. Não apenas o que é dito sobre ele, trazendo-o à luz do conhecimento, colocando-o *sob jurisdição* da totalidade do que se mostra diante do observador, e não da parcialidade inerente a qualquer pretensão analítica (GALEFFI, 2000).

Concomitante à verificação do próprio fenômeno pela fenomenologia, para sua articulação é aplicável a hermenêutica<sup>15</sup> na compreensão da realidade, mediante a observação reflexiva/refletiva e descritiva dos fenômenos, com consciência intencional e objeto intencionado. Por conseguinte, surge a possibilidade de aliar esses estudos para aplicação no ensino/pesquisa em ciências, propiciando as bases de uma sociedade pós-moderna liberta e reflexiva aos fenômenos em um filosofar<sup>16</sup>, pois “[...] o filosofar pode ser comparado a um despertar, isto é, a uma espécie de insônia pela qual o psiquismo humano reconhece a prioridade do *outro* sobre o *mesmo*” (FABRI, 2007, p. 19). A filosofia é filosofia de seu tempo, quando a compreensão de seus pensamentos está caracterizada sob a História corrente, sendo ainda sua forma acima de seu tempo, não sendo possível influenciar a História diretamente, mas ser influenciado por esta (SCHMIED-KOWARZIK, 2002).

Dessa forma, esses dois *instrumentos* – fenomenologia e hermenêutica – enquanto correntes sociológicas e filosóficas, são possibilidades para suprir as necessidades da sociedade como interpretadoras do mundo em sua História, porém

---

<sup>14</sup> “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História” (FREIRE, 1996, p. 136).

<sup>15</sup> Assim como para a fenomenologia, este termo terá maior explanação posteriormente. Em uma definição resumida, define-se hermenêutica como interpretação para compreensão da expressão, em linha à epistemologia e ontologia.

<sup>16</sup> “[...] para fazer filosofia é necessário entrar na ordem lógica dos discursos explicitados em movimentos sucessivos na sua história, onde houve ou não o abandono de teses” (SILVA, 2013, p. 165). É aprender a criticar, estranhar-se ao mundo para se possibilitar ao “novo” e a rever o “velho”, mutar-se.

estas correntes se encontram separadas pela *historicidade e localidade*<sup>17</sup>, quanto aos seus pensamentos, compreensões e interpretações. Por isso, a busca pela análise fenomenológica hermenêutica (AFH)<sup>18</sup>, com sua compreensão das potenciais aplicabilidades no ramo do ensino/pesquisa em ciências, propicia ao autor descrever e interpretar o fenômeno onde se coloca como ser atuante em seu desenvolvimento, pois suas visões de mundo contemplam não só a escolha pelo seu estudo, mas também sua interpretação sob o objeto escolhido.

Nessa perspectiva, a pesquisa descrita ao longo destas laudas, cuja estrutura foi elaborada para conceber uma AFH, pretende disponibilizar a educadores dialógicos e pesquisadores a oportunidade de realizar uma análise observacional (por exemplo, do cotidiano de sala de aula) sem a necessidade da fragmentação dos fenômenos e suspensão/supressão de suas concepções. O objetivo é propor uma pesquisa compreensiva<sup>19</sup> e integrativa<sup>20</sup>, cuja análise está baseada na fenomenologia hermenêutica, e a metodologia, como “[...] caminho e o instrumental próprios de abordagem da realidade” (MINAYO, 1992, p. 22), na interpretação essencial sintética (IES)<sup>21</sup>, para auxílio a pesquisadores em níveis avançados de pesquisa qualitativa, como é esperado nas investigações de doutoramento e pós-doutoramento.

Na concepção da AFH o aspecto metafórico de *olhar para o Sol* decorre de que, para Platão (2011), em seu texto conhecido como *Alegoria da Caverna*, o Sol representa a realidade às vistas da aparência:

---

<sup>17</sup> “[...] as sociedades humanas existem num determinado espaço, num determinado tempo, que os grupos sociais que as constituem são mutáveis e que tudo, instituições, leis, visões de mundo são provisórios, passageiros, estão em constante dinamismo e potencialmente tudo está para ser transformado” (MINAYO, 1992, p. 20).

<sup>18</sup> Termo utilizado nesta pesquisa para denominar a análise que está sendo proposta, baseado nos conceitos de Husserl para fenomenologia, e em conceitos heideggerianos - de fenomenologia hermenêutica transcendental.

<sup>19</sup> Engloba pesquisas descritivas, exploratórias, do cotidiano, mutáveis, transitórias, como sentido da ação e avaliação de políticas. Sua aplicação determina a importância da história na compreensão da sociedade, cuja ação é definida como uma escolha do indivíduo (GUERRA, 2006).

<sup>20</sup> “[...] reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado” (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

<sup>21</sup> Termo definido e proposto nesta pesquisa - pelos próprios autores, que será explicado detalhadamente nos capítulos posteriores.

[...] Platão afirma que quem se guia pelas aparências estaria impossibilitado de ver a realidade como ela é, por isso, seria escravo. Este não vê, se não apenas sombras, representações das representações da realidade verdadeira. Isso porque o conhecimento resultante dos sentidos seria ilusório, por não atingir a essência e ficar preso ao mundo das aparências, das emoções (LAGO, 2014, p. 34).

*Ir ao encontro*<sup>22</sup> do Sol e olhá-lo significa libertação de uma condição antes determinada somente pelas sombras, as quais expressavam uma realidade subjetiva a condições previamente determinadas,

[...] para sair da caverna é necessário fazer uso da razão filosófica (entendida aqui como razão discursiva e dialética) como o grande guia, pois somente ela conseguiria captar as essências, conhecer a realidade verdadeira (LAGO, 2014, p. 35).

Quando olhamos para o Sol, o mesmo “[...] aparece a nós na sua própria pessoa [...]” (REID *apud* BONJOUR, 2010, p. 136), ou seja, o que vemos é o fenômeno, o que sentimos é a sua interpretação na realidade em que se encontra, quem o vê é o próprio observador e ser no acontecimento. Em um primeiro momento, olhar para o Sol, como fonte de luz brilhante e intensa, resulta em uma sensação de cegueira, da mesma forma que ocorre quando nos deparamos com algo novo ou ainda encoberto pelo reducionismo. Com o passar de alguns segundos, no entanto, nossos olhos acostumam-se com aquela luz e, aos poucos, é perceptível seu brilho, sua forma e localização como astro. Por isso, olhar para o Sol significa dar-se a si mesmo a chance de sentir com a alma na produção dos textos que serão decorrentes da observação dos fenômenos e, em sua clareza, compreender o contexto no qual estão imersos, transcendentem à visão comum.

Ainda há o aspecto irônico dessa alegoria, pois chamar a atenção para o Sol parece desnecessário, já que *todos o conhecem* e este astro transita pelo céu diurno dia após dia ao longo de nossas vidas. Mas quantos *olham* para ele? Dão-se conta da obviedade do Sol? Do Sol em si – não de seus efeitos na superfície da Terra? Do Sol enquanto fenômeno? Do Sol como ele mesmo? De acordo com De Boni (2000, p. 114) “[...] não é possível que alguém conheça o dia a não ser através

<sup>22</sup> Encontro do prisioneiro liberto com o Sol no texto *Alegoria da Caverna* de Platão (2011). Significa possibilitar-se olhar para o Sol diretamente, direcionar sua atenção à observação do fenômeno.

do Sol [...]”, dessa forma, a AFH convoca à libertação, pois há numerosos casos em pesquisas qualitativas nos quais os dados não se mostram na forma textual, mas em sua essência e em um mundo de significados. Nesses casos, cabe ao pesquisador descrevê-los, representá-los e interpretá-los da maneira como se encontram, estabelecendo os seus significados mediante indicadores significantes, compreendendo-os com – e não *apesar de* – suas concepções.

A proposição da AFH, com sua metodologia<sup>23</sup> fundamentada na IES, assim, visa a permitir ao pesquisador a realização de observações e entrevistas na pesquisa em ensino de ciências a partir de um pressuposto divergente das demais metodologias de análise, onde “[...] usando-se todo o instrumental teórico e metodológico que ajuda uma aproximação mais cabal da realidade, mantém-se a crítica não só sobre as condições de compreensão do objeto como do próprio pesquisador” (MINAYO, 1992, p. 21).

Na AFH o pesquisador vai ao significativo, que emerge na aproximação com o fenômeno em si e, fundamentado na compreensão e na interpretação, busca o significado a partir do contexto em que o significativo se mostra, concomitantemente com a *inserção das visões de mundo*<sup>24</sup> do próprio pesquisador, como sujeito ativo de sua própria pesquisa.

---

<sup>23</sup> “[...] a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador” (MINAYO, 1992, p. 22).

<sup>24</sup> “A visão de mundo do pesquisador e dos atores sociais estão implicadas em todo o processo de conhecimento, desde a concepção do objeto até o resultado do trabalho. É uma condição da pesquisa, que uma vez conhecida e assumida pode ter como fruto a tentativa de objetivação do conhecimento” (MINAYO, 1992, p. 21).



## PARTE I

### ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS FENÔMENOS

Buscar a essência da percepção é declarar que a percepção é não presumida verdadeira, mas definida por nós como acesso à verdade (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 14).

Esta parte da dissertação descreve as vertentes da fenomenologia e da hermenêutica, em seus contextos históricos e definições, segundo seus fundadores. Considerando que em filosofia essas linhas seguem rumos diferentes quanto às abordagens e descrições – analíticos e dialéticos –, é possível verificar nos escritos originais e nas interpretações contemporâneas que, de alguma forma, ambas culminam na identificação, análise e interpretação do sujeito, do ser, do significante que emerge dos significados.

Na busca histórica descrita neste capítulo, primou-se pela originalidade das informações para superar a historicidade e transpor as barreiras das tendências conservadoras, optando-se primeiramente por escritos originais. Os artigos contemporâneos foram utilizados com cautela e uma *pitada* de ceticismo<sup>25</sup>, pois no desenvolver desta pesquisa ficou perceptível que as descrições posteriores aos autores originais já contêm interpretações entrelaçadas com as visões de mundo de cada autor, o que afetaria uma descrição original da fenomenologia e da hermenêutica e, a própria interpretação desta pesquisa, modificando a concepção da AFH.

Evidentemente, esta constatação é apenas um fato científico relacionado a como os conhecimentos se transformam ao longo do tempo e da história. No

---

<sup>25</sup> O ceticismo aqui referido não é utilizado como abandono à busca do conhecimento ou ataraxia (negar o valor ontológico do conhecimento), mas sim como a máxima de que não existe uma verdade absoluta, e é preciso estar sempre buscando novas respostas sob novas perspectivas. A dúvida como um processo de conhecimento (LUFT, 2006).

entanto, para os propósitos desta investigação foi importante voltar às origens, justamente porque seria contraditório, a rigor, aplicar a fenomenologia e a hermenêutica sobre estudos já interpretados. Para transpor essa *barreira*, foi identificado, e atrelado à interpretação o contexto histórico em cada abordagem contemporânea, e seu viés para com o ensino e a pesquisa em ciências.

## A Fenomenologia

A fenomenologia é o estudo das essências, uma doutrina universal que integra a ciência da essência do conhecimento (HUSSERL, 1990). É um método que utiliza a percepção e a consciência para compreender o mundo a partir de sua “facticidade”<sup>26</sup>, tentando descrever diretamente a realidade realmente apresentada, “[...] sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1). Visa contatar e possuir, ou seja, apropriar-se do que já é daquele que observa, porquanto é único e autêntico autor da interpretação do fenômeno que, em última instância, é a única realidade à qual lhe é permitido acesso.

Em sua origem etimológica, *fenômeno* é o sentido de ser de tudo o que é. É sua essência, o que se mostra na maneira em que aparece, por isso não pode o fenômeno ser proprietário de si mesmo, mas sim daquele que o observa. Já o aspecto *logos* da fenomenologia está relacionado à constituição da consciência significativa no domínio do ser que observa - a capacidade de se desdobrar em um lugar único, onde os sentidos que validam o ser podem habitar. Por isso o ser que observa é, simultaneamente, proprietário do fenômeno e também seu intérprete. Sob o ponto de vista fenomenológico, em cada visitação da consciência ao fenômeno há uma retomada e uma revelação de um novo sentido do que se mostra, conduzindo o

---

<sup>26</sup> Definido como os fatos contra os quais nos colocamos ou somos colocados em confronto, não dependendo de nossas escolhas (HEIDEGGER, 1990).

observador a uma concepção da essência correlacionada à revelação inesgotável das infinitas possibilidades da instância observada (SEIBT, 2012).

A fenomenologia do conhecimento é a ciência dos fenômenos cognoscitivos, de tal forma envolvendo fenômenos e manifestações que, ao se exibirem, se tornam conscientes passiva ou ativamente como essas e aquelas objetividades<sup>27</sup>; e, por outro lado, também é ciência dessas objetividades, enquanto a si mesmas se exibem desse modo. Nessa perspectiva, a palavra *fenômeno* possui dois sentidos, mediante a correlação essencial entre o que efetivamente aparece e o próprio aparecer, para o fenômeno subjetivo (HUSSERL, 1990).

O método fenomenológico é a descrição do espaço, do tempo, do mundo vivido, e não se propõe à análise nem à explicação do fenômeno. Significa esquadrihar as profundezas do mundo, almejando “[...] buscar a essência do mundo, [...] não em ideia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 13). Como filosofia transcendental<sup>28</sup>, considera e afirma a presença inalienável do mundo antes da reflexão, cujo esforço consiste em reestabelecer o contato ingênuo<sup>29</sup> para proporcionar um estatuto filosófico. O mundo está sempre presente e anterior a qualquer visualização ou análise, e seria artificial descrevê-lo mediante um combinado de sínteses interlocutoras das sensações e das exterioridades do objeto, quando ambos são meramente produtos da análise e não origem do fenômeno. A necessidade da descrição pura do fenômeno exclui os métodos da análise reflexiva e descrição científica, pois a reflexão propicia uma subjetividade invulnerável, na qual submerge a consciência em seu próprio princípio (MERLEAU-PONTY, 1999).

Para Edmund Husserl (1990), considerado o fundador da fenomenologia, esta “[...] designa um método e uma atitude intelectual: a *atitude intelectual*

---

<sup>27</sup> O objeto designa entes particulares ou reais, já a objetividade designa diversos tipos de entes. Trata-se do estado de coisa, de características, não só de objetos em sentido estrito, mas de formas dependentes reais ou categoriais, e de outras coisas do mesmo tipo (HUSSERL, 2006).

<sup>28</sup> Não derivado dos sentidos, mas sim dominado pela razão pura. Estar além dos limites do entendimento (LALANDE, 1999).

<sup>29</sup> Puro e franco, sem qualquer pressuposto.

especificamente *filosófica*, o *método* especificamente *filosófico*” (HUSSERL, 1990, p. 46), apresentando-se, inicialmente, como uma "psicologia descritiva", ou seja, o ato de retornar "às coisas mesmas", à percepção do mundo anterior ao conhecimento e em relação à “qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 4). Nesse âmbito a argúcia é o palco para o desenvolvimento das atitudes e hipóteses, não estando relacionada à cientificidade nem ao posicionamento de decisões nas quais pensamentos e percepções explícitas estão concatenadas ao mundo, considerado como meio natural. Trata-se de considerar o mundo como nossa representação antes de sermos homens ou seres baseados somente em nossa experiência, “[...] mas enquanto somos todos uma única luz e participamos do Uno sem dividi-lo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 7).

Nos escritos de Ramón (2005) são evidenciados os indícios da escolha de Husserl pela filosofia, como objetivo de vida. O incentivo por essa decisão está relacionado às aulas de Franz Clemens Brentano (1838-1917), cujos estudos foram fundados na descrição fenomenológica e no nativismo da percepção, juntamente com Hering, Mach e Stumpf. Brentano contribuiu para o desenvolvimento do aspecto fenomenológico ou experimental-existencial da percepção, com influências da psicologia psicanalítica, psicologia da Gestalt e da psicologia cognitiva fenomenológica. Sua teoria consistia na descrição imediata dos fenômenos das experiências vividas, concebendo a psicologia descritiva na perspectiva da redução fenomenológico-psicológica.

Os métodos de Brentano propunham a psicologia sob um ponto de vista empírico – psicologia como ciência e estudo dos fenômenos psíquicos em geral –, fundamentada na doutrina da intencionalidade de inspiração aristotélica e na especificidade da conduta humana como fonte da subjetivação. Já Husserl, após apropriar-se da teoria de Brentano e considerá-lo sempre seu mestre e mentor, resolveu seguir em outra direção na proposição do método fenomenológico da investigação, no qual a fenomenologia deveria ser tratada como uma disciplina autônoma, ou seja, a “[...] técnica apropriada para uma análise descritiva reflexiva exigida para fins de uma teoria do conhecimento e da filosofia de um modo geral – redução fenomenológica [...]” (FARBER, 2012, p. 240).

No método fenomenológico de Husserl o mundo é o sentido manifestado na intersecção das próprias experiências e na concatenação destas com as dos outros:

[...] o mundo, em sentido fenomenológico, é obra da liberdade humana, mas esta última não é uma mera arbitrariedade ou simples imperialismo de um sujeito fechado e pretensamente soberano. O transcendental aspirado por Husserl é uma possibilidade de saída de si em direção ao outro, saída esta que preserva a identidade do sujeito (o seu *quanto a si mesmo*), mas preserva igualmente a alteridade que o eu encontra em seu caminho (FABRI, 2007, p. 40).

Sendo que esse mundo fenomenológico é inseparável da subjetividade e da intersubjetividade<sup>30</sup>, e formado pela retomada das experiências passadas, presentes e do outro, a fenomenologia “Não é a explicitação de um ser prévio, mas a fundação do ser [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 19). Apresenta-se como a concretização de uma verdade sem a representação da *verdade prévia*. É reaprender a ver o mundo, revelar seus mistérios e o mistério da razão (HUSSERL, 1990).

Para Husserl (1990), a fenomenologia possui três graus de consideração:

- **Primeiro:** o imanente está em mim, o dado em si mesmo é inquestionável, sendo permitido utilizá-lo. O transcendente, fora de mim, não é lícito utilizá-lo, por isso a necessidade de realizar a redução fenomenológica. A redução é a exclusão de todas as posições transcendentais para evitar o deslocamento do problema entre a explicação científico-natural – psicológica – do conhecimento como fato natural, e a elucidação do conhecimento quanto às possibilidades essenciais da sua efetividade. Todo transcendente deve ser considerado como índice zero, ou seja, aparecer somente na forma de fenômenos de validade – sistemas de verdades vigentes que possam ser empregados como premissas, hipóteses ou ponto de partida.

---

<sup>30</sup> “A intersubjetividade inclui tanto a compreensão do que está acontecendo na mente do outro, quanto à imersão empática na experiência vivida. A perspectiva intersubjetiva volta-se para os processos mais conscientes do não verbal, na tentativa de não cair no entendimento neutro e reduzido da experiência subjetiva do outro” (PIVA et al., 2010, p. 82).

- **Segundo:** objetividade da essência. Exclusão do transcendente, de tudo o que não é dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro. São somente aceitáveis como fenômeno as vigências ou as realidades, oriundas nas ciências por indução ou dedução, a partir de hipóteses, fatos ou axiomas. A investigação deve ser realizada sobre a evidência pura e clara, como investigação de essências, do dado em si mesmo. O fundamento encontra-se na

[...] captação do sentido do dado absoluto, da absoluta claridade do estar dado, que exclui toda a dúvida que tenha sentido; numa palavra: a captação do sentido da evidência absolutamente intuitiva, que a si mesma se apreende (HUSSERL, 1990, p. 29).

- **Terceiro:** distinção entre o fenômeno e o que aparece na percepção evidente e reduzida. As coisas são e estão dadas em si mesmas, no fenômeno e em virtude do fenômeno. Não é apenas olhar ou abrir os olhos, mas direcionar-se para a análise pura e à pura consideração de essências, assim como menciona Husserl (1990, p. 32):

[...] as coisas não estão nelas como num invólucro ou num recipiente, mas se *constituem* nelas as coisas, as quais não podem de modo algum encontrar-se como ingredientes naquelas vivências.

Já em Georg Wilhelm Hegel, torna-se a fenomenologia uma filosofia do espírito, onde esta “[...] significa aquilo que aparece e carrega em si a absolutez da verdade, sentido distinto de sua semântica original: teoria da aparência” (NETOJ, 2011, p. 58). É evidenciado o saber fenomenal<sup>31</sup> sob o aspecto entificado, onde a consciência é consciência-de-si como verdade de si mesmo, pois

Hegel não procura somente analisar o objeto, antes aspira adentrá-lo, de forma que o próprio movimento do conhecer já se torne o saber. Hegel chama de fenomenologia porque o Espírito não surge inicialmente em sua verdadeira manifestação, mas como um saber do sujeito, um saber do saber da consciência (SOARES, 2009, p. 18).

<sup>31</sup> Hegel propicia a compreensão do indivíduo por si mesmo enquanto espírito, sendo este “[...] o mais alto grau ao qual o saber poderia chegar” (SISNANDO, 2005, p. 01). Nesse percurso, a consciência como certeza leva ao saber absoluto (saber fenomenal), visto que inicialmente o espírito “[...] não se sabe a si mesmo [...]” (SISNANDO, 2005, p. 01).

Em Hegel, o Espírito é denominado como unidade cognitiva em devir<sup>32</sup>, efetivada como autoconsciente por meio do pensar e ser, que são os momentos dessa unidade. Ao Espírito é necessário conhecer-se a si mesmo, para encontrar-se a si mesmo, ser livre ao poder sair de si mesmo e voltar-a-si-mesmo. Essa filosofia atua como conhecimento da verdade, sendo esse um “[...] processo em que o pensamento sai de si mesmo e entra na cognição do outro, que é o seu, para então voltar a si mesmo, como Espírito que se conhece a si mesmo e ao ser” (SCHMIED-KOWARZIK, 2002, p. 31).

Considerar a fenomenologia como associada à consciência é atribuí-la ao “[...] movimento dialético no qual o saber do mundo passa no saber de si mesmo como na sua verdade [...]” (HEGEL, 1992, p. 14). Ou seja, o cerne da consciência do objeto resulta da inquietação dialética advinda da experiência, onde *ter consciência na própria consciência* é estar situado na *consciência-de-si* (HEGEL, 1992). Desta forma,

[...] a consciência passa por momentos que vão desde o estranhamento com o outro, quando o outro ou o objeto é estranho a ela, momento da certeza sensível até a incorporação do outro como uma parte de si, a percepção, para então, uma posterior compreensão, de que o outro não é uma parte, mas outro de si mesmo. Só por meio desse reconhecimento é que o indivíduo compreende o outro como o si mesmo. A consciência caminha de uma certeza ingênua sobre o objeto, uma certeza imediata ligada aos sentidos, passa pela percepção, onde se utiliza da abstração, para posteriormente compreender que a única verdade é a certeza de si mesmo, pois no interior do objeto ela só descobre o mesmo que no exterior, ou seja, a si mesma (SISNANDO, 2005, p. 01).

Sob esses aspectos, a fenomenologia apresenta três significações fundamentais (HEGEL, 1992): *filosófica, cultural e histórica*, definidas por interrogativas. A significação *filosófica* questiona a experimentação da consciência (em si mesma) mediante as diversificações de saberes, avaliadas pela ciência e/ou

---

<sup>32</sup> “A filosofia hegeliana considera o processo e o devir segundo os quais a realidade é o que é pela alienação, pela mediação e pelo trabalho. A realidade é processo do vir a ser, isto é, não é dada, mas vem a ser e, isso, constantemente. Se a realidade está sempre vindo a ser é porque ela nunca é definitivamente. Por outro lado, a realidade vem a ser porque parte de algo que se posiciona como o que ela não é, mas que também é enquanto existência que é negada, abandonada, deixada para trás” (NOVELLI, 2001, p. 69).



filosofia – alegoricamente, seriam as ideias de Hegel na perspectiva de Kant<sup>33</sup>. Já a significação cultural refere-se ao questionamento do destino do homem, atrelado à busca pelo sentido através da razão no momento presente – o que representa sinteticamente a *reflexão* hegeliana. E, a significação *histórica*, que questiona a *concepção* na ciência mediante o desenvolvimento histórico da formação cultural para a significação da consciência – ou seja, a *originalidade* objetivada por Hegel.

Na fenomenologia ainda se deve considerar o conceito oposto de fenômeno - o encobrimento. Um fenômeno pode se manter encoberto por nunca ter sido descoberto. Também pode ser entulhado - antes tinha sido descoberto, mas voltou a encobrir-se totalmente ou parcialmente, podendo se manter visível como aparência somente o que antes se descobriu. Por isso, só é possível conquistar o modo de encontro com o ser e suas estruturas nos fenômenos, a partir dos próprios objetos da fenomenologia. Sendo fenomenológico tudo o que pertence à maneira, demonstração e explicação, constituindo a conceituação exigida pela presente investigação, o ponto de partida das análises, o acesso aos fenômenos e a passagem pelos encobrimentos vigentes (HEIDEGGER, 2005).

Para Martin Heidegger, a fenomenologia é instituída diferentemente da de Husserl - sua compreensão é advinda da crítica à intencionalidade, pressupondo ao sujeito transcendental um modo de ser-no-mundo<sup>34</sup>. Sua fenomenologia hermenêutica transcendental<sup>35</sup> critica a fenomenologia subjetivista (objetivista) transcendental, pois nela “o filósofo dá ao existencial uma dimensão transcendental - introduz com ela um limite - que é condição de possibilidade da compreensão do ser” (STEIN, 2000, p. 110). Estabelece-se o início da analítica existencial, ao introduzir o ser pela compreensão do ser, juntamente com o espaço da finitude na

---

<sup>33</sup> “Kant foge do objetivismo clássico mediante uma teoria transcendental do conhecimento” (STEIN, 2000, p.106).

<sup>34</sup> “A ideia de ser de Heidegger, na medida em que é vinculada com a compreensão do ser, caminho para pensar o ente, se revela como uma dimensão operatória: compreendendo-me no mundo e na relação com os entes compreendo o ser” (STEIN, 2000, p.104).

<sup>35</sup> “[...] o elemento específico da fenomenologia, como ontologia fundamental: manter na questão do conhecimento um vínculo entre predicação e percepção, entre afecção e compreensão e afecção e inteligibilidade, para garantir nosso conhecimento, sem cair num realismo objetificador ou num idealismo cuja transcendentalidade nos faz perder o mundo e a possibilidade de lidar com o ser” (STEIN, 2000, p. 109).



definição do *Dasein*<sup>36</sup> como ente compreendido a si mesmo e que compreende o ser – circularidade hermenêutica, onde a essência é estabelecida pelo *Wesen* na fenomenologia hermenêutica “[...] como manifestação fenomenológica do ser ou de um modo de ser” (STEIN, 2000, p.117).

Na obra *Ser e Tempo*<sup>37</sup>, Heidegger enfatiza e evidencia a questão do ser, para reformular e aprofundar o conhecimento da história da filosofia. Primariamente, orientou-se pela representação do método fenomenológico como alicerce de seus estudos. Concomitantemente, realizava superação da questão do ser da tradição fenomenológica com o conceito de tempo, ultrapassando as linhas do transcendental kantiano<sup>38</sup> em um processo de desconstrução da metafísica, onde,

[ao] determinar o *Dasein* como ser-no-mundo e designar o ser do ser-aí de cuidado (*Sorge*) e o sentido desse ser a temporalidade, Heidegger deslocou o problema da teoria do conhecimento (fugiu dela como do vício e do cacoete do neokantismo) e terminou com as construções e os aparelhos transcendentais (STEIN, 2000, p. 112).

Considerando a objetividade da realidade um obstáculo à prática fenomenológica, esta também é criticada nos estudos contemporâneos de Humberto Maturana e Francisco Varela, pois determina e fundamenta o conhecimento em verdades absolutas. Para Maturana e Varela, objetivar-se é tornar-se isento de suas análises, é “[...] acreditar que a realidade das coisas independe de sua interferência, considerando que há uma realidade independente dele, observador [...]” (ANDRADE, 2012, p. 104). Colocar a objetividade entre parênteses é permitir a identificação dos fenômenos relacionados ao cotidiano experiencial, não em uma subjetividade, mas em “[...] dúvida de sua própria objetividade” (ANDRADE, 2012, p. 104), ou seja,

<sup>36</sup> “A própria ideia do *Da-sein*, do ser-aí, do aí, significa que ele está limitado, que ele está finitizado, finitizado no mundo. Heidegger dirá que o *Dasein* é futuro-passado-presente, no sentido de que ainda que ele se agarre ao presente, nesse presente já sempre está implícita a ideia da faticidade a qual se liga a ideia da hermenêutica” (STEIN, 2000, p. 57).

<sup>37</sup> Nesta obra, é apresentada como ontologia fundamental uma analítica existencial, sob aspectos de uma metaontologia da existência ou de uma antropologia filosófica (antropologia da essência). Em Heidegger, entende-se por metaontologia “o princípio de fundamentação da investigação ôntica em um conhecimento ontológico prévio [...]” (ERBER, 2003, p. 33).

<sup>38</sup> Para Kant as possibilidades de conhecimento estão na experiência, que nunca é neutra, pois a ela estão atribuídas as características da cognição humana, como a sensibilidade e o entendimento (SILVEIRA, 2002).

[afirmar] que o conhecimento é o próprio conteúdo do conhecimento significa dizer que o ato de conhecer só ocorre na medida em que há um conteúdo que nos é oferecido a conhecer. Mas, ao mesmo tempo, o conteúdo só é conteúdo porque nós o reconhecemos como tal e assim o definimos. Desse modo, nossa definição das coisas precisa ser questionada. Por essa razão é que se considera a falibilidade da percepção humana referente ao processo de aprendizagem (ANDRADE, 2012, p. 105).

Ao fenômeno é essência o conhecimento consciente da inquietação dialética, e ao observador é ser autoconsciente, que interage com sua interpretação do mundo (hermenêutica) em uma reflexão consciente do conhecer para o conhecimento, como destaca a Autopoiesis de Maturana e Varela:

[...] reflexão é um processo de conhecer como conhecemos, um ato de nos voltarmos sobre nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e de reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão nebulosos e tênues quanto os nossos (MATURANA; VARELA, 1995, p. 67).

A reflexão precisa ser complementada pela explicitação de uma ontologia que pressupõe uma epistemologia para conhecer quem, ou o que, é o sujeito que pretende conhecer o mundo, para desbravar os fenômenos e sua essência, problematizando o conhecimento e renovando o diálogo com o ceticismo.

## **A Hermenêutica**

A hermenêutica serve como base quando algo possui seu sentido obscuro ou duvidoso, objetivando o alcance de uma nova compreensão do que estava corrompido por distorção, deslocamento ou mau uso (GADAMER, 2002), contendo, “[...] sem necessidade de acréscimos teóricos como apoio central, a questão do diálogo” (STEIN, 2000, p. 121).

Mediante investigações colocou-se em dúvida se a etimologia da palavra possui relação direta com o Deus “Hermes”, como sugere o uso verbal antigo. Não há certeza filológica, mas só a probabilidade de que a palavra derive de Hermes, pois este era chamado de “o mensageiro divino”, pois executava verbalmente a

mensagem que lhe fora confiada, dos deuses aos homens. O *hermeneus* possuía função de tradutor das manifestações consideradas estranhas ou enigmáticas, em uma linguagem compreensível (CORETH, 1973).

A hermenêutica surge como palavra na era moderna, e foi formada e empregada primeiramente no domínio teológico como sentido de uma “arte de compreensão” ou “doutrina da boa interpretação”, buscando a objetividade da Escritura mediante a utilização da compreensão admitida como correta (CORETH, 1973).

Desde Friedrich Schleiermacher (1768-1834), passando por Wilhelm Dilthey (1833-1911) e Martin Heidegger (1889-1976) e, recentemente por Hans-Georg Gadamer (1900-2002), o objetivo era compatibilizar a hermenêutica bíblica, no contexto das ciências do espírito, sobre o fundo dos pressupostos teórico-científicos, metodológicos e filosóficos (CORETH, 1973).

Inicialmente, transpondo o contexto bíblico, Schleiermacher acreditava na hermenêutica como a “arte da compreensão”, ou seja, sem objetivar a teoria, e sim considerar a prática - a práxis referente à capacidade de compreensão da fala ou da escrita pela interpretação. Schleiermacher estabelece o “contexto vital”, cujo desígnio era a compreensão dos pensamentos e/ou expressões mediante a distinção entre compreender a “divinatória” – constituindo a espontaneidade para adivinhação da empatia viva, estabelecida da vivência no objetivo de compreender - e compreender “comparativamente” – considerando as diferentes áreas do conhecimento, tanto gramaticais como históricas, com a finalidade de perceber e compreender o sentido dos enunciados em seu contexto (CORETH, 1973).

Compreender divinatoriamente está relacionado com a adivinhação/apreensão imediata do sentido, enquanto para compreender comparativamente são necessárias informações particulares. Assim, surge o ciclo hermenêutico definido por Schleiermacher, no qual há necessidade da atuação conjunta dessas compreensões, pois “o momento divinatório significa a projeção espontânea de uma pré-compreensão guiada na elaboração comparativa” (CORETH, 1973, p. 19). A hermenêutica fica estabelecida, então, como a “reconstrução histórica e divinatória, objetiva e subjetiva, de um dado discurso” (CORETH, 1973, p. 19), necessitando um aprofundamento no autor, na sua vivência

circunstanciada e de intencionalidade, em um mundo idealizado e composto de representações (CORETH, 1973).

Já Dilthey, apoiado em Schleiermacher estabelece a “psicologia compreensiva”, oposta explicitamente à psicologia das ciências naturais, pois defendia o esclarecimento da natureza e a compreensão da vida e da alma. Acreditava na ocorrência do esclarecimento por meio dos processos intelectuais, cuja compreensão é originada do aprofundamento para apreensão dos sentimentos no contato com o objeto. Dilthey compreendia uma unidade de vida, determinada como o individual, apreendida no conjunto do todo, pois para ele partimos da conexão do todo, nos dado vivo, e por meio deste tornamos apreensível o individual (CORETH, 1973).

Posteriormente, Heidegger torna a compreensão como um “existencial”, isto é, um elemento constitutivo de toda constituição ontológica da existência (o ser-aí) humana, considerada como o próprio “ser da existência”, na medida em que a existência é marcada com a compreensão do ser, “[...] o existencial que nos permite pensar a partir da compreensão, o modo de “fundamentação” pela circularidade” (STEIN, 2000, p. 108). Assim, propõe uma análise existencial-ontológica da existência humana, objetivando a descoberta e a exposição fenomenológica da constituição original da compreensão ontológica fundada na existência, de onde nasce a “hermenêutica da existência”, ou seja, a interpretação compreensiva do ser-aí e de si mesmo (CORETH, 1973).

A hermenêutica da facticidade heideggeriana é contraditória à fenomenologia eidética<sup>39</sup> de Husserl, em função das diferenças entre *fato* e *essência*. Aquele somente entra na discussão da problemática hermenêutica e das críticas históricas com a finalidade ontológica de desenvolver, a partir delas, a pré-estrutura da compreensão (GADAMER, 1997).

Na análise da compreensão de Heidegger, este formula explicitamente o “círculo hermenêutico”, já conhecido por Schleiermacher, Johann Gustav Droysen

---

<sup>39</sup> Eidético (do grego, *eidos*) é aquilo que tem relação com a forma e com o conhecimento (no sentido platônico), e se opõe ao que é fático e sensível.

(1808-1884) e Dilthey, no qual afirma ser toda compreensão apresentada em uma “estrutura circular” onde a compreensão é oriunda da interpretação, na premissa de compreender previamente o que será interpretado:

[...] possibilidade positiva do conhecimento mais originário, que, evidentemente, só será compreendido de modo adequado quando a interpretação compreendeu que sua tarefa primeira, constante e última permanece sendo a de não receber de antemão, por meio de uma 'feliz ideia' ou por meio de conceitos populares, nem a posição prévia, nem a visão prévia, nem a concepção prévia, mas em assegurar o tema científico na elaboração desses conceitos a partir da coisa, ela mesma (GADAMER, 1997, p. 401).

Na reflexão hermenêutica heideggeriana é tarefa primeira deixar-se determinar pela própria coisa, ou seja: “[...] a compreensão somente alcança sua verdadeira possibilidade, quando as opiniões prévias, com as quais se ela inicia, não são arbitrarias [...]” (GADAMER, 1997, p. 403). A teoria heideggeriana é sustentada pelo círculo hermenêutico e pela diferença ontológica, determinando-se uma teoria da fundamentação do conhecimento, ou seja, “[...] compreendendo-me no mundo e na relação com os entes compreendo o ser” (STEIN, 2000, p.104).

A dimensão do círculo hermenêutico é o modo de ser do *Dasein*, como estrutura de entendimento e centrada na determinação das questões do ser, este como “[...] condição essencial do ser humano [...]” (STEIN, 2000, p. 103). Cabe ao *Dasein* compreender o ser para o movimento do conhecimento, não estando o ser isolado como objeto desconhecido, por isso, têm-se acesso aos entes em uma circularidade por compreensão, “compreende o ser porque compreende a si mesmo e se compreende porque compreende o ser” (STEIN, 2000, p. 103). Na circularidade hermenêutica, assim denominada, “o ser não funda o ente, nem qualquer ente funda o ser. A recíproca relação entre ser e ente somente se dá porque há *Dasein* – isto é, porque há compreensão” (STEIN, 2000, p. 104).

Ao *Dasein* relaciona-se a compreensão do ser, pelo ser humano que se compreende, possibilitando o acesso aos entes pelo círculo hermenêutico e na diferença ontológica – fundamentação do conhecimento: “Ser torna-se um conceito operário pela compreensão e a diferença entre ser e ente introduz um critério definitivo para se garantir a distinção entre ser e ente e impedir a entificação do ser” (STEIN, 2000, p. 107). Essa relação de reciprocidade entre a compreensão do

*Dasein* e do ser, na circularidade hermenêutica, “substitui o clássico modelo de fundamentação do conhecimento que se apresenta como relação sujeito-objeto. O *Dasein* como ser-no-mundo introduz o ser-em como condição prévia de todo conhecimento” (STEIN, 2000, p. 108). Assim, transcender<sup>40</sup> à consciência fundante do conhecimento é identificar “[...] o existencial que nos permite pensar a partir da compreensão, o modo de 'fundamentação' pela circularidade” (STEIN, 2000, p. 108), ou seja,

[...] podemos dizer que esse 'ser do *Dasein*' já remete ao cuidado (*Sorge*) com sua tríplice estrutura e à temporalidade (*Zeitlichkeit*) como sentido do ser do cuidado. Trata-se, portanto, de uma transcendentalidade de caráter existencial. Esse conhecimento existencial é o da compreensão do ser que já sempre é operado em qualquer conhecimento do ente (STEIN, 2000, p. 109).

Em estudos contemporâneos, como ontologia considera-se:

[...] o estudo da questão mais geral da metafísica, a do “ser enquanto ser”; isto é, do ser considerado independentemente de suas determinações particulares e naquilo que constitui sua inteligibilidade própria (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2006, p. 207).

Já na ontologia fundamental heideggeriana são descritos, em condições transcendentais, os modos de ser ao conhecimento “[...] rompidos com o modo concreto de ser-no-mundo e por isso seriam transcendentais (STEIN, 2000, p. 115), possibilitando o pensar no fundamento de ser do homem pela finitude - “[...] modelo de fundação referido à circularidade e à diferença [...]” (STEIN, 2000, p. 116).

Hans-Georg Gadamer volta ao círculo hermenêutico e mostra o significado positivo do “preconceito”, preconizando a revalorização da palavra como “pré-compreensão” historicamente transmitida e ainda cientificamente irrefletida. Ou seja, independentemente do pleno alcance do sentido da coisa já é permitido um primeiro acesso da compreensão, como introdução à compreensão mais ampla e profunda pressuposta por esta. Ele também prende a hermenêutica à fenomenologia, aceitando os princípios Heideggerianos para o problema da

<sup>40</sup> “[...] este transcendental não é nem o transcendental do realismo objetivista nem do idealismo transcendental, mas se liga à 'transcendência do ser do *Dasein* que é muito particular” (STEIN, 2000, p. 109). É uma ruptura do modo concreto de ser-no-mundo, por isso é transcendental.

compreensão histórica. Permanece na hermenêutica fenomenológica, apontando para o que na compreensão histórica “acontece realmente”, sem elaborar uma hermenêutica de regras e indicações sobre o que “deve acontecer” na interpretação (GADAMER, 1997).

É função principal da hermenêutica a compreensão da interrogativa do objeto. O importante é ter consciência das próprias antecipações, assim, em uma descrição textual, o próprio texto possibilitará o confronto com a verdade e as opiniões prévias, pois de acordo com Gadamer (1997, p. 402),

[quem] quiser compreender um texto realiza sempre um projetar. Tão logo apareça um primeiro sentido no texto, o intérprete prelineia um sentido do todo. Naturalmente que o sentido somente se manifesta porque quem lê o texto lê a partir de determinadas expectativas e na perspectiva de um sentido determinado. A compreensão do que está posto no texto consiste precisamente na elaboração do projeto prévio, que, obviamente, tem que ir sendo constantemente revisado com base no que se dá conforme se avança na penetração do sentido.

A identificação e elaboração dos aspectos textuais por hermenêutica auxilia uma visão crítica de ideologias previamente determinadas, possibilitando a construção do conhecimento por compreensão para transformação contínua no diálogo com o texto, e reflexão por intertextualidade (WELLS, 2001) para potencializar a investigação dos sentidos.

## **As Fenomenologias Reflexiva e Hermenêutica**

No ensino é identificada a existência de dois tipos de fenomenologia: a reflexiva e a hermenêutica. Na fenomenologia reflexiva, também denominada *redução fenomenológica*, é suspensa a atitude crítica rasa relacionada à atitude natural do senso comum, presente também na ciência<sup>41</sup> para, por meio da reflexão e do aprofundamento das implicações, encontrar seu sentido e seu alcance, fugindo dos limites e das especificidades de uma definição (FARBER, 2012). Evidencia-se,

do observado, o que ele é em si mesmo, não o que está posto no senso comum, nem o que é conhecido no estudo científico, objetivando o florescimento de novas possibilidades de compreensão. Para tal, necessita-se de um afastamento da definição do fenômeno, sem o qual é impossível refletir sobre o fato em si, obtendo-se a caracterização desse sentido do ser (SEIBT, 2012).

De acordo com Husserl é impossível obter uma redução completa, pois toda redução é transcendental e fundamentalmente eidética, devendo ser considerada como uma sugestão para apreensão do mundo. Ou seja:

[...] não podemos submeter nossa percepção do mundo ao olhar filosófico sem deixarmos de nos unir a essa tese do mundo, a esse interesse pelo mundo que nos define, sem recuarmos para alguém de nosso engajamento para fazer com que ele mesmo apareça como espetáculo, sem passarmos do fato de nossa existência à natureza de nossa existência, do *Dasein*<sup>42</sup> ao *Wesen*<sup>43</sup> (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 11).

Na fenomenologia reflexiva, a apropriação do conhecimento ocorre a partir de um gesto de suspensão momentânea dos próprios conhecimentos de quem observa, para compreender o que vem ao seu encontro – a *coisa* reduzida ao seu próprio ser, enquanto fenômeno –, por isso o nome *redução fenomenológica*. O acontecimento da apropriação é resultado da observação dos fatos como eles são, de acordo com cada uma das suas realidades, a partir de um afastamento, partindo do testemunho do observador que as nomeia e as percebe, atribuindo-lhes um sentido sem a presença da consciência intencional, cujo objetivo é o estabelecimento de um mundo significativo correlato à consciência significante.

A consciência significante, por sua vez, visa a oferecer um sentido profundo, de aprendizagem, estando relacionada com o significado apreendido pela consciência intencional. Para isso, o fenômeno tem que ser pensado e repensado a partir de observações e dos atos imaginativos, mas só além destes se encontra a

---

<sup>41</sup> “[...] toda ciência é comprometida. Ela veicula interesses e visões de mundo historicamente construídas e se submete e resiste aos limites dados pelos esquemas de dominação vigentes” (MINAYO, 1992, p. 21).

<sup>42</sup> O ser-aí. Já existe antes de qualquer enunciado, argumento ou interpretação (ALVES, 2011).

<sup>43</sup> A essência (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p. 22).



essência. Por isso a necessidade da *redução fenomenológica*, pois só por meio desta pode-se ter contato com a essência, que na fenomenologia de Husserl representa o domínio complexo e amedrontador da realidade, manifestado pelo próprio ser como algo sem comparação, dado que “[a] toda vivência psíquica corresponde, pois, por via da redução fenomenológica, um fenômeno puro, que exhibe a sua essência imanente (singularmente tomada) como dado absoluto” (HUSSERL, 1990, p. 71).

Não se trata interpretar ou concluir sobre fatos observados, e sim, de “ver” algo acontecendo. Como por exemplo, em um experimento no ensino de física sobre a Segunda Lei de Newton, onde em um processo fenomenológico, se deve observar a ação de uma força para conduzir o movimento e, não somente, relacioná-la ao produto da massa do corpo pela sua aceleração em uma relação quantitativa.

De acordo com a fenomenologia de Husserl, a essência é inesgotável e versátil e, quando cada parte é revelada (identificada em uma abordagem fenomenológica), a atual não nega as anteriores, mas se soma às já reveladas, propiciando um novo sentido de ser à mesma essência, posto que:

[a] fenomenologia husserliana pretende estudar, pois, não puramente o ser, nem puramente a representação ou aparência do ser, mas o ser tal como se apresenta no próprio fenômeno. E fenômeno é tudo aquilo de que podemos ter consciência, de qualquer modo que seja (ZILLES, 1994, p. 125).

O conhecer, como uma transcendência, é proposto por Husserl como a capacidade de ultrapassar os próprios limites e conter em si uma nova possibilidade de ser, caracterizada pelo retorno às *coisas* como elas são. Em algum momento as *coisas* estiveram conosco, então esse retorno significa tornar-se intencionalmente ingênuo para favorecer o estabelecimento de uma nova visão de mundo, relacionar-se com o que se mostra sem proteções, conceitos pré-concebidos ou filtros racionais. Para ocorrer esse contato com as *coisas* como elas são é preciso possuir a consciência aberta e estar disposto a transformações, vivendo no interior do sentido do que aparece, e de como aparece. Ao orientarmos a observação fenomenológica para o nosso mundo interior, Husserl considera este movimento como *transcendental*, não se propondo somente a estudar o ser ou sua

representação, mas “[...] o ser tal como e enquanto se apresenta à consciência como fenômeno [...]” (ZILLES, 1994, p. 126).

Assim, pode-se constatar que a fenomenologia reflexiva não se restringe à compreensão do fenômeno, mas se amplia à apropriação do fenômeno mediante a suspensão dos próprios conhecimentos e julgamentos do observador. O ato fenomenológico não se faz sem o surgimento de uma nova visão de mundo ou de transcendência de si mesmo. Porém, complementarmente à fenomenologia reflexiva, mas ainda no âmbito do ensino, surge a fenomenologia hermenêutica como uma tentativa de constituir um olhar não teórico sobre o fenômeno (SEIBT, 2012). No entanto, para que se possa compreender a fenomenologia hermenêutica é preciso olhar antes para a própria hermenêutica.

A hermenêutica surge para extrair dos parênteses o mundo da realidade, no qual foi posta para que sobre ela se fizesse uma observação reflexiva e descritiva dos fenômenos, com consciência intencional e objeto intencionado. A hermenêutica nasce na fenomenologia, da necessidade do aprender junto, de compreender a realidade, de captar as intenções na sua essência mais pura, concatenada com o contexto dos acontecimentos. Surge da conveniência de realizar a união entre correntes sociológicas que, sozinhas, não conseguiram suprir as necessidades da sociedade como interpretadoras do mundo, pois estavam tipicamente separadas pela historicidade e localidade, como a sociologia compreensiva da Alemanha e a sociologia explicativa da França.

Diferentemente da fenomenologia reflexiva, na qual o *eu* permanece observador e o *outro* permanece observado, o ser hermenêutico é obrigado a ter a mente aberta, sair de sua posição de conforto, transpor as barreiras do seu eu (sua *psiqué* – seu *si mesmo*) e colocar-se no lugar do outro, mas de maneira a entrar na vida do outro, analisando-a no sentido de perguntar a si mesmo como este outro reagiria em determinada situação. Em suma, a hermenêutica consiste em estabelecer e analisar hipóteses que, em tese, são inerentes às intenções que a unidade psicológica elaboraria na jornada de conhecimento do outro e de si mesmo, como uma unidade.

O hermeneuta viaja pela obra para chegar ao autor e, chegando ao autor se transforma nele, participa de sua vida, vive como se fosse ele. Posteriormente,

volta para a obra e a descreve de forma a recompor suas emoções e sentidos, numa espécie de experimentação. Nessa recomposição o hermeneuta pretende propiciar ao novo leitor a máxima vivência possível do ser que está sendo descrito.

A fenomenologia hermenêutica, portanto, permite não só a visualização do fenômeno, com a suspensão dos preconceitos do observador, mas a compreensão e a interpretação provindas da imersão do observador no mundo do observado, e a aproximação com o fenômeno e a consequente reestruturação da própria visão de mundo. Possibilita a reflexão e compreensão da existência humana, dos conhecimentos antes apropriados de maneira empirista, racionalista ou apriorista.

## **A Fenomenologia Hermenêutica na Pesquisa em Ensino em Ciências**

A pesquisa no ensino, de forma geral, exceto a censitária<sup>44</sup>, é qualitativa e não deve ser generalizada. Geralmente, possui como característica sua realização no próprio ambiente humano onde ocorrem os fatos investigados, por considerar o pesquisador como agente decisivo do estudo e incluir nessa consideração os fatos e as formas com que estes são transformados em dados, assim como identificar a importância dos seus significados (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). Na pesquisa qualitativa o pesquisador está em campo realizando observações, entrevistas ou analisando documentos, sendo que cada uma destas ações pode sofrer variações, como na observação participante, nos questionários e na metanálise, respectivamente. Além disso, subtipos da pesquisa qualitativa podem assumir identidades muito características, como na etnografia<sup>45</sup> e no estudo de caso<sup>46</sup>.

---

<sup>44</sup> Obtenção de dados por métodos estritamente quantitativos.

<sup>45</sup> “Compreende o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas [...]” (MATTOS, 2011, p. 51).

Da interação entre o pesquisador e o objeto estudado, mediada pelo processo qualitativo de pesquisa, devem, portanto, emergir respostas para as perguntas que geraram o estudo, e estas vêm, invariavelmente, na forma de textos. Em algum instante do processo, variável conforme a metodologia específica e os instrumentos utilizados, a realidade analisada é textualizada<sup>47</sup>, seja pelo sujeito e depois pelo pesquisador, seja diretamente pelo pesquisador.

Às vezes, como ocorre em uma pesquisa observacional (LUNA FILHO, 1998), já o primeiro texto pode responder às perguntas da pesquisa, mas na maior parte das investigações educacionais os textos passam por processos de análise, na tentativa de extrair deles o que ali esteja oculto ou subentendido. Para isso, há elaborações de análises textuais, como a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), a Análise de Prosa (ANDRÉ, 1983), a Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2006), a Análise Genealógica do Discurso (FOUCAULT, 1996) ou, mais genericamente, a Análise de Discurso (SILVA, 2005).

Mesmo supondo que o pesquisador realize de forma rigorosamente coerente determinada metodologia na coleta e no tratamento dos dados, haverá diferentes graus de confiabilidade das análises de texto, conforme o grau de fidedignidade das fontes, pois se houver vieses nas fontes estes vão aparecer nos resultados da análise, falseando-os. Pode-se exemplificar essa possibilidade no caso de pesquisas documentais (GODOY, 1995), quando as fontes podem ter interesses não declarados, como em certas reportagens, discursos políticos ou propagandas. Por isso, a importância do pesquisador documental ter extremo cuidado ao escolher suas fontes.

Além disso, há também a questão da historicidade - algo sobre o qual não se discute o suficiente na área de ensino. A historicidade vem a ser a localização

---

<sup>46</sup> “[...] origem na pesquisa médica e na pesquisa psicológica, com a análise de modo detalhado de um caso individual [...]. Com este procedimento se supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno estudado a partir da exploração intensa de um único caso” (VENTURA, 2007, p. 384).

<sup>47</sup> “Os problemas da corrente compreensivista se encontra na atomização da realidade na análise dos grupos sociais como uma totalidade nela mesma, e na ausência quase total de discussões referentes a problemas estruturais” (MINAYO, 1992, p. 11).

dos fatos em perspectiva temporal e espacial, e a consideração de que estes tenham realmente acontecido de determinada forma, e não de outra. Em princípio, o pesquisador assume que o que é dito, escrito ou observado, no contexto de sua pesquisa, é fato *histórico* (num sentido rigoroso e estrito), ou seja, representa *fielmente* o aspecto da realidade que está sendo estudado, como se os dados refletissem objetivamente a realidade, quando isso realmente não pode ser assim. A história é uma idealização e não um conjunto de fatos, pois é sempre e permanentemente construída e reconstruída pelos que contam os fatos. Os historiadores têm uma área específica de estudo sobre isso, que se chama historiografia.

Trazida essa constatação para nossa área de ensino de ciências, isso significa que qualquer dado obtido em uma pesquisa, não importando o instrumento por meio do qual tenha sido obtido, pode ser utilizado para a constituição de imagens da realidade igualmente válidas, embora possam ser, inclusive, contraditórias. Além disso, ao transcrever uma entrevista, por exemplo, o pesquisador terá, por força do método, que fixar-se nas palavras ditas, e não poderá trazer para análise informações paralinguísticas (não verbais) que o entrevistado forneceu simultaneamente à fala. Ou seja, o dado constituído não reflete, nem de longe, a complexidade da realidade investigada. Alegação análoga pode ser feita em relação à aplicação de questionários.

Muitas pesquisas acadêmicas em ensino de ciências incluem como fontes primárias observações dos próprios pesquisadores, que estão imersos nos casos estudados a tal ponto que a análise assume características etnográficas e de observações participantes. São estudos de caso, entendidos de forma ampla. Em uma averiguação típica, um pesquisador analisa certo aspecto de determinada situação educacional, recolhendo informações que ele próprio transforma diretamente em texto, aplicando sobre este as metodologias de análises textuais supracitadas.

Toda pesquisa qualitativa pressupõe, em grau variável conforme os diferentes métodos, que existe inevitavelmente certa subjetividade do investigador a influenciar a investigação. Esse reconhecimento da subjetividade, porém, não se materializa nas metodologias analíticas textuais, que tentam refletir fielmente o

*corpus*, ou conjunto de dados da pesquisa, como se esse *corpus* não contivesse o viés inerente do pesquisador, em toda sua complexidade. Mesmo quando o estudo de caso atinge seu limite invasivo - na pesquisa participante, por exemplo - pretende-se que os resultados trazidos pela análise de textos sejam representação fiel de, pelo menos, certos aspectos da realidade estudada. Apresenta-se, portanto, a seguinte questão para esta pesquisa, cujo pesquisador relaciona-se ao ensino de ciências: *qual a validade de aplicar métodos analíticos standardizados, visando a uma mínima objetividade, para buscar significados em textos que foram produzidos pelo próprio pesquisador?*

Uma das modificações que a pesquisa descrita ao longo deste estudo, propõe e avalia, ao mesmo tempo em que, também caracteriza o método fenomenológico hermenêutico, é a introdução, na pesquisa, da história de vida do investigador, em seu sentido mais amplo. Explicitando extensamente tudo o que pensa e como age em relação ao tema tratado, incluindo sua apropriação de todos os conhecimentos teóricos necessários, pois

Reconhecendo que a visão que temos da realidade dependerá de nossas construções, é que o homem reconhece, ao mesmo tempo, a falibilidade de sua percepção, pois ele percebe que seus julgamentos e valores não são a verdade, mas sim a sua verdade, ou seja, do que ele entende do que seja a verdade e mais, do que ele entenda que seja a verdade naquele momento. Entende-se com isso que nossas opiniões são particulares e instáveis e não universais e absolutas, reconhecendo, ao mesmo tempo, que é inegável a mediação biológica e cultural presente em nosso processo cognitivo (ANDRADE, 2012, p. 109).

Dessa forma, o próprio texto-base já pode conter o relato, a descrição e o parecer, a vivência e a síntese que se pretende alcançar sobre o fenômeno estudado, sem a necessidade da aplicação de processos de fratura e reconstituição de textos, “[...] cuja importância fundamental é exorcizar o empirismo das abordagens sociais” (MINAYO, 1992, p. 17).

## PARTE II

### PROPOSTA DA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA

*O homo sui transcendentalis* está nascendo. Ele não é um 'homem novo', mas um homem que nasce de novo. Este novo nascimento é uma potencialidade inscrita em nosso próprio ser (NICOLESCU, 1999, p. 84).

Relacionando esta proposta com a prática educativa podemos realizar uma comparação com os estudos qualitativos, do tipo que são desenhados para compreender o comportamento dos alunos mediante determinadas situações, pois “[...] a Fenomenologia busca transcender o individualmente relatado na descrição e avançar em direção à estrutura do relatado, ou seja, do nuclear das vivências sentidas e descritas” (BICUDO, 2011, p. 46). Em pesquisas cuja tarefa inclui analisar dados de um estudo de caso, por exemplo, mas com uma abordagem fenomenológica hermenêutica, devem-se considerar que “a função transcendental, realizada pelo ensino, conduz o desafio da interpretação, mas é necessário mostrar que uma tal relação clama por uma fenomenologia da própria situação dialógica” (FABRI, 2007, p. 24).

A proposta da AFH também pode ser utilizada como método<sup>48</sup> de investigação permanente do ensino na prática educativa. De que forma? Aplicando a interdisciplinaridade do tipo transdisciplinar:

A interdisciplinaridade do tipo transdisciplinar aparecerá quando também estiverem presentes nas equipes multidisciplinares ‘uma modelização epistemológica nova para a compreensão de fenômenos’ (Le Moigne, 2002, p. 29), e/ou diálogo com os conhecimentos considerados não científicos (das artes, da filosofia, dos atores sociais, das tradições da sabedoria, etc.) e com os

---

<sup>48</sup> “[...] não é a forma exterior, é a própria alma do conteúdo porque ele faz a relação entre o pensamento e a existência e vice-versa” (MINAYO, 1992, p. 22).

diferentes níveis do sujeito e da realidade (SOMMERMAN, 2006, p. 64).

Ao realizar uma análise do que se compreende por interdisciplinaridade, esta é definida como uma “[...] transferência de métodos de uma disciplina para outra, distinguida em três diferentes graus: aplicação, epistemológico, geração de novas disciplinas” (NICOLESCU, 1999, p. 52).

A interdisciplinaridade é o resultado de um processo de desenvolvimento das disciplinas, onde ocorre a interligação entre elas por meio do pensamento, de discussões e argumentações sobre um mesmo tema estudado nas diversas áreas do conhecimento. As disciplinas não modificam os seus objetivos originais, mas passam a exigir uma relação entre os assuntos abordados mediante uma integração entre os saberes disciplinares. Surgiu em meados do século XX, como uma forma de auxiliar a compreensão dos problemas originados pelas novas tecnologias, desenvolvimentos científicos e falta de interações entre os conhecimentos da hiperespecialização (SOMMERMAN, 2006).

No ensino, o surgimento da interdisciplinaridade aponta para uma proposta de considerar as relações interpessoais entre professor e aluno e, entre as disciplinas em uma metamorfose do conhecimento antes apropriado, de acordo com Fazenda (2003, p. 22):

A interdisciplinaridade não seria apenas uma panacéia para assegurar a evolução das universidades, mas um ponto de vista capaz de exercer uma reflexão aprofundada, crítica e salutar sobre o funcionamento da instituição universitária, permitindo a consolidação da autocrítica, o desenvolvimento da pesquisa e da inovação.

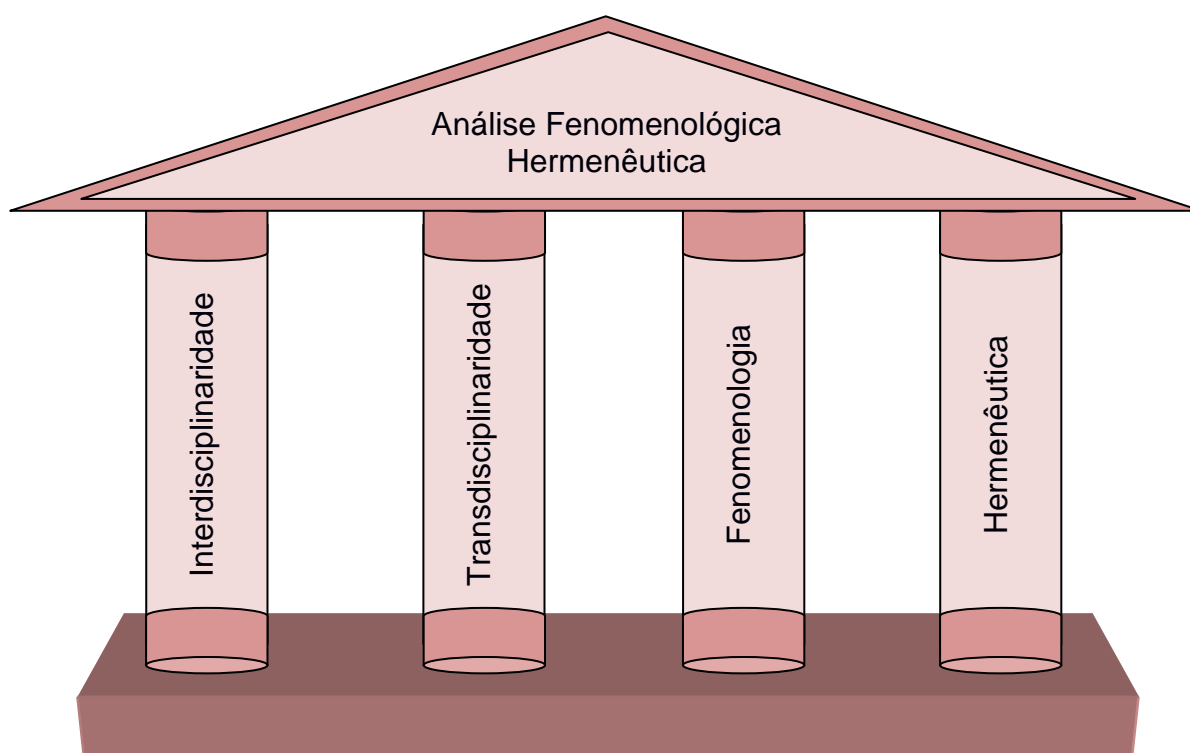
A interdisciplinaridade pode ser restrita a um mesmo nível, e único, de realidade, já a transdisciplinaridade surge para interligar, ao mesmo tempo, diferentes níveis de realidade mediante a dinâmica organizada pela ação. Seus pilares são determinantes para o desenvolvimento da metodologia da pesquisa transdisciplinar, sendo eles: os níveis de realidade, a lógica e a complexidade (NICOLESCU, 1999). De acordo com Nicolescu (1999, p. 53):

A *transdisciplinaridade*, como prefixo ‘trans’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina. Seu objetivo é a *compreensão do mundo presente*, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.



Dessa forma, uma metodologia de ensino baseada na AFH está relacionada a uma *interdisciplinaridade do tipo transdisciplinar* construída em um substrato fenomenológico hermenêutico, onde ocorre “[...] uma modelização epistemológica nova para a compreensão de fenômenos [...]” (SOMMERMAN, 2006, p. 37), cujo objetivo é compreender e interpretar o mundo presente por meio da unidade do conhecimento. A Figura 1 mostra uma representação estética dos pilares da análise fenomenológica hermenêutica.

Figura 1 - Pilares da análise fenomenológica hermenêutica.



Fonte: O autor (2015).

Na correlação desses quatro instrumentos - interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, fenomenologia e hermenêutica -, estruturam-se os pilares dessa pesquisa, cuja base está assentada na emancipação do ser como pesquisador, sua união com o desenvolvimento da pesquisa em um movimento de observação, compreensão e autocrítica em um ciclo de pesquisa “[...] como um

processo de trabalho que dialeticamente termina num produto provisório e recomeça nas interrogações lançadas pela análise final” (MINAYO, 1992, p. 17), pois:

[...] nas abordagens fenomenológico-hermenêuticas, predomina a visão existencialista de homem. Este é tido como projeto, ser inacabado, ser de relações com o mundo e com os outros. [...] desenvolver e possibilitar um projeto humano, criando as condições para que o homem consiga ser mais; é conscientizar (SOUZA, 2001, p. 35).

Neste sentido, a AFH é constituída do movimento fenomenológico hermenêutico e da história de vida do pesquisador (suas concepções, visões de mundo, indagações, anseios, reflexões, conhecimentos, etc.) como ser atuante no próprio texto analisado, e estruturada de acordo com a Figura 2, em um movimento de circularidade:

É relevante, portanto, que um observador reconheça a necessidade dele próprio se identificar como parte integrante do fenômeno em que está envolvido. Um observador que observa e se observa em seu próprio ato de observar, produz uma circularidade [...] (ANDRADE, 2012, p. 103).

A aplicação da AFH é restrita a pesquisas com entrevistas e observações *in loco*, ou seja, sempre que o pesquisador é o próprio autor do texto que, em outro tipo de análise, seria fragmentado, desconstruído, reconstruído e metanalisado. A restrição mencionada torna-se necessária porque é imprescindível e indissociável a vivência do pesquisador com o estudo realizado para a compreensão e apreensão dos significados pelo sentido vivido, não como experiência, mas impregnado das essências às quais se têm consciência como consciência-de-si do vivenciado, pois

[...] diferentemente da experiência empírica, que é tomada na sua objetividade pragmática e observada de um lugar externo ao seu processo, a vivência, ou o experienciado, é percebida e refletida no fluxo dos atos da consciência (BICUDO, 2011, p. 33).

E, para seu desenvolvimento, faz-se necessário ao pesquisador a identificação, vivência e significação dos agentes descritos a seguir:

- **Eu:** descrição do pesquisador, como aporte para a contextualização da pesquisa, suas motivações e objetivos ao propor a ação de pesquisa. Nesta etapa não cabe a descrição de aportes teóricos. Mas, antes de sair a campo é necessário estar “mergulhado” nesses aportes e nas concepções sobre a pretensão do estudo, realizando uma ampla pesquisa

sobre os principais componentes da indagação. Assim, no encontro com o fenômeno o pesquisador já estará transformado e perceptivamente desenvolvido para encontrar o fenomenal (o que se pode explicitar de acordo com o modo de encontro com os fenômenos ou estruturas fenomenais).

Não é possível falar do visto, sem referência a quem vê, à intencionalidade do olhar, às características do solo histórico e cultural em que a *epoché* se efetua para podermos, então, referir-nos às características do fenômeno (BIDUCO, 2011, p. 54).

- **Fenômeno:** trazida para a luz daquilo que se mostra - fenomenologia. Pôr à luz a totalidade de tudo o que se apresenta. Descrever o fenômeno como este aparece, além das aparências e manifestações. Os fenômenos nunca são manifestações, pois as manifestações é que dependem dos fenômenos, ou seja, manifestar-se é anunciar-se. Já o fenômeno, em seu sentido autêntico, é um mostrar-se em si mesmo. Nessa etapa é necessária a apreensão dos objetos e percepções para posteriormente transcrever tudo o que se mostrou, em descrição direta.

Fenômeno diz do que se mostra na intuição ou percepção e *lógos* diz do articulado nos atos da consciência em cujo processo organizador a linguagem está presente, tanto como estrutura, quanto como possibilidade de comunicação e, em consequência, de retenção em produtos culturais postos à disposição do mundo-vida (BIDUCO, 2011, p. 29).

- **Registro:** texto escrito que perpassa o “Eu” do pesquisador, em seus aspectos transcendentais e intuitivos; e o fenômeno, deixando transparecer o que se mostra, retornando “para as coisas mesmas”.

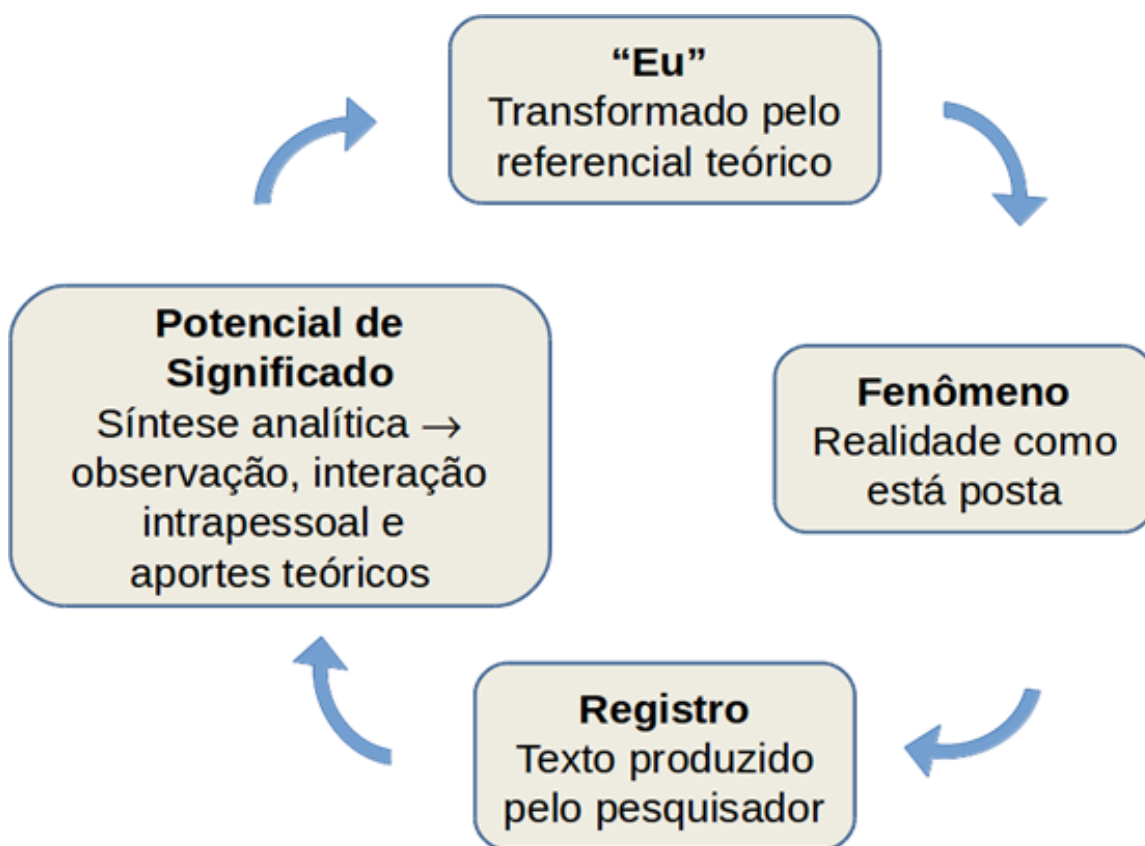
O uso da linguagem na pesquisa fenomenológica se legitima, pois ela é entendida como uma expressão vida do vivido, o qual se refere ao percebido, ao sentido e ao pensado por nós em momentos de encontro com os outros, que podem ser: do mundo natural, do mundo cultural ou, ainda, nossos semelhantes (BIDUCO, 2011, p. 79).

- **Potencial de Significado:** síntese analítica mediada pela observação, interação intrapessoal e aportes teóricos. Nesse momento, o pesquisador aplicará a hermenêutica à elaboração ontológica da historicidade da presença do fenômeno, constituindo a síntese exigida pela investigação na

própria interpretação compreensiva. O pesquisador precisa permitir-se a apreensão dos entes (fenômenos e “Eu”) em seu ser.

[...] a realidade tem camadas e a grande tarefa do pesquisador é de apreender além do visível, do “morfológico, e do ecológico” - que podem ser entendidos quantitativamente – os outros níveis que interagem e tornam o social tão complexo (MINAYO, 1992, p. 22).

Figura 2 - Circularidade para aplicação da AFH.



Fonte: O autor (2015).

Na pesquisa composta dos componentes mencionados acima, para o pesquisador e identificação do *Eu*, o

[...] fenômeno é o que se mostra no ato de intuição efetuado por um sujeito individualmente contextualizado, que olha em direção ao que se mostra de modo atento e que percebe isso que se mostra nas modalidades pelas quais se dá a ver no próprio solo em que se destaca como figura de fundo (BICUDO, 2011, p. 30).

Já a significação irá expressar a tomada de consciência em percepção<sup>49</sup>, pois “[...] para o fenomenólogo, todo fato humano é por essência significativo. Se lhe retirarmos a significação, lhe retiramos sua natureza do fato humano. A tarefa de um fenomenólogo será, pois, estudar a significação da emoção” (SARTRE, 2014, p. 25). Não somente para o pesquisador, mas para o próprio leitor, é necessário ter conhecimento de suas compreensões, pois de acordo com Merleau-Ponty (1991, p. 95):

[...] se a palavra é comparável a um gesto, o que ela está encarregada de expressar terá com ela a mesma relação que o alvo tem com o gesto que o visa, e nossas observações sobre o funcionamento do aparelho significante já envolverão uma certa teoria da significação que a palavra expressa.

De acordo com Sartre (2014) na consciência, para haver compreensão existe uma correlação entre simbolização e símbolo para atribuição de significados, ao mesmo tempo que

[...] permite a delimitação do mundo da causalidade, onde a consciência impõe as leis de funcionamento. É o mundo dos fenômenos regido pela causalidade que *pode* ser objeto de conhecimento. Deste conhecimento podem dar-se as condições de possibilidade. Prova-se *de jure* o que *de facto* é conhecido nas ciências empírico-matemáticas (STEIN, 2000, p. 106).

O mundo da causalidade conduzido por determinismos simplifica e restringe o raciocínio, origina dogmas sem acesso às essências em uma certeza metódica no movimento de “[...] causa e consequência, estímulo e resposta. A causalidade é um modo de explicação que aplica um determinante, prevendo este ou aquele resultado” (NOGUEIRA, 2009, p. 45). Na modernidade, o determinismo substituiu as leis divinas no pensamento científico, funcionando como previsão onde “[...] o pensamento menos investiga e mais averigua, o ato inteligente menos se deixa contagiar nas situações e mais constata ou adere a explicações e desdobramentos previamente sabidos” (NOGUEIRA, 2009, p. 45).

---

<sup>49</sup> “[...] a percepção nunca é instantânea, pontual, isolada, mas que dura no fluxo do tempo, juntamente com outros fluxos de consciência, evidenciando, que o percebido não é um estímulo isolado, mas sempre está mergulhado em uma amplitude” (BICUDO, 2011, p. 36).

Nesta pesquisa, considera-se que “[...] a ligação entre os acontecimentos, em determinadas circunstâncias, pode ser de natureza diferente da ligação causal e exige um outro princípio de explicação” (JUNG, 1984, par. 819), ou seja, admite-se a existência de um conteúdo significativo, sem relação causal, determinado pela consciência significativa e não por uma relação necessária (como em causa e efeito), mas pela simultaneidade e pelo significado. A sucessão de acontecimentos com significado modificam a consciência, atitude e o pensamento, e auxiliam na identificação da essência do fenômeno para separação de projeções determinadas pelo próprio pesquisador – em um primeiro momento –, para posteriormente termos acesso ao que pensamos, ao que somos, em que “do modo fundamental de conhecer recebemos indícios para pensar o modo fundamental do ser do homem” (STEIN, 2000, p. 116).

No desenvolvimento da AFH, em um movimento de linguagem<sup>50</sup> e compreensão (analítico e dialético), movido pelo questionamento (a pergunta que interroga), há troca de experiências (pela vivência) entre os entes, objetos, significantes e significados, onde “[...] a interrogação que expressa a perplexidade do pesquisador orienta os passos a serem dados em busca da compreensão e explicitação do compreendido e interpretado” (BICUDO, 2011, p. 38). Tais vivências e compreensões são constantemente apresentada em outros métodos de análise como obstáculo à teoria da intersubjetividade, porque

[...] remete às próprias entranhas do positivismo sociológico que apenas reconhece como ciência a atividade ‘objetiva’, capaz de traçar as leis que regem os fenômenos, menosprezando os aspectos chamados ‘subjetivos’, impossíveis de serem sintetizados em dados estatísticos (MINAYO, 1992, p. 10).

A AFH descreve uma análise, cuja estrutura está disposta em um movimento de circularidade, pois “[...] o modelo é apenas uma representação simbólica, que descreve as principais características do fenômeno apresentado”

---

<sup>50</sup> “A fenomenologia, defende a ideia de que as realidades sociais são construídas nos significados e através deles, e só podem ser identificadas na medida em que se mergulha linguagem significativa da interação social. A linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis na abordagem fenomenológica” (MINAYO, 1992, p. 34).

(BARROS, 2008, p. 90), sendo mutável de acordo com o Eu, o fenômeno, o registro e o potencial de significado.

Existem múltiplas perspectivas sobre o mesmo fenômeno, ou seja, as abordagens, descrições e suas interpretações, estarão relacionadas com as percepções de realidade de cada observador e do método proposto. Dessa forma, a AFH visa à *libertação* do pesquisador, para que não se mantenha *engessado* a um modelo mecanicista dos fenômenos por causalidade, tornando-se observador sem restrição de conceitos na busca do conhecer para conhecer, da sabedoria para apropriação do seu próprio *eu* em consciência-de-si, onde, como menciona Freire (1996, p. 135):

Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou o 'maior'. Minha segurança se funda na convicção de que sei algo de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer.

Ao pesquisador é possibilitado, em um movimento dialético, com seu *eu* e fenômeno, abandonar as ideias do senso comum e buscar o *verdadeiro* conhecimento pelo movimento ascendente de libertação do olhar, é convidado a sair das sombras para a visão do Sol, em um despertar de atitude e competência crítica para desenvolvimento de habilidades de inovação, em uma fenomenologia da própria situação dialógica sustentada hermeneuticamente na reflexão e transcendência de seu ser.

## **A Interpretação Essencial Sintética**

A IES é o método para o desenvolvimento da AFH, sendo uma alternativa aos métodos de análise de texto ou discurso na pesquisa qualitativa, sendo aplicável a entrevistas e observações. Com seu caráter hermenêutico, busca evidenciar os sentidos das ações, objetos e discursos, originada fenomenologicamente na essência do estudo. Na IES é reforçada a empatia e o intimismo do ato pesquisado,

inseparáveis dos pré e pós-conhecimentos do pesquisador, resultando diretamente num texto que já traz tudo o que ele pôde apreender e depreender da entrevista ou observação. Dessa forma,

o modo como experimentamos uns aos outros, as tradições, o mundo revela que nós não estamos encerrados entre barreiras intransponíveis, mas abertos como possibilidade, em devir, o que revela nossa condição ontológica como modo de ser, como temporalidade, importante condição à formação (LAGO, 2014, p. 71).

A IES é constituída pelo movimento de descrição e interpretação das ações, objetos ou discursos pesquisados, entremeados ao ser do pesquisador, incluindo suas concepções, visões de mundo, indagações, anseios, reflexões e, principalmente, conhecimentos. Disso deriva seu caráter científico. O pressuposto fundamental da IES é que o pesquisador e o ser pesquisado fazem parte de um mesmo fenômeno:

No percurso que a consciência faz para realizar o saber, importa descobrir uma reflexividade, um encontrar-se consigo próprio. No retorno a si da consciência, depois de haver passado pelo outro, aquilo que aparentemente era exterior ou estrangeiro, torna-se um *para si* (FABRI, 2007, p. 39).

Pelo seu caráter principalmente fenomenológico, a IES não é analítica, mas sim integrativa, sem perder seu viés hermenêutico, ou seja, interpretativo. Não há fragmentação, desconstrução e reconstrução do material coletado. O pesquisador vai direto da observação ou entrevista para o texto final, ou IES. Nesse sentido, a AFH gera um processo de IES, que por sua vez resulta num produto também chamado IES. Evidentemente que nada há de raso na produção de uma IES, de maneira que não se trata de elaborar uma coletânea de anotações de campo, mas sim de construir um texto apurado, constituído pelo pesquisador sênior a partir da integração do fenômeno investigado, do seu próprio ser e do conhecimento da área.

Por isso, há limites e condições para a aplicabilidade da IES, que é indicada apenas quando:

1. as pesquisas incluam unicamente entrevistas e/ou observações realizadas pelo próprio pesquisador;



2. o pesquisador conheça profundamente, tanto do ponto de vista teórico quanto experiencial, o fenômeno ou o tema analisado/interpretado;
3. o pesquisador tenha elevada capacidade empática, sendo hábil para situar-se no lugar do outro, perante suas ações, objetos e discursos;
4. o pesquisador tenha elevada capacidade argumentativa e, desenvoltura na escrita científica da área de estudo envolvida na pesquisa, e;
5. o pesquisador possua autoconhecimento e autocrítica em graus elevados.

A complexidade que envolve a IES implica essa série de requisitos, principalmente quanto às características do pesquisador. Portanto, esse método é provavelmente indicado apenas nos níveis avançados de pesquisa qualitativa, como é esperado nas investigações de doutoramento e pós-doutoramento, quando o pesquisador supostamente alcançou capacidade para isso.

A IES implica ao pesquisador exercer com segurança as ações do Quadro 1, dependentes das características específicas da investigação:

Quadro 1 - Metodologia para aplicação da IES.

Identificar	Ter consciência sobre o que é observado
Conhecer	Estudar teoricamente o que é observado.
Observar	Observar o que está sendo estudado.
Interpretar	Interagir com o que está sendo estudado visando à compreensão do que acontece.
Compreender	Se colocar no lugar dos que vivem o que está sendo estudado – empatia.
Refletir	Voltar-se às noções apriorísticas (o “Eu”) e confrontá-las com o que agora se compreende.
Imergir	Reformular a compreensão mediante a interpretação profunda do fenômeno observado e estudado.
Concluir	Realizar a apresentação da visão geral do estudado, contendo a interpretação compreensiva aplicada ao observado, incluindo os referenciais teóricos, concepções e percepções do pesquisador, diretamente na forma de um texto, que pode ser entendida como a própria IES, produto de uma AFH.

Fonte: O autor (2015).

A concepção da IES, portanto, visa a investigações que não podem ser desprezadas do pesquisador, onde a apreensão dos entes (fenômenos e “Eu”) em seu ser acontece no compreender e interpretar a essência do estudado. Por isso, trata-se de uma interpretação essencial, cujo fenômeno sempre esteve presente, e sua compreensão possibilita a síntese na vinculação do “[...] eu com o mundo, de forma a dar sentido àquilo que não vem só de si mesmo” (ALVES, 2011, p. 27).

Como proposta prática da AFH, à IES é necessário primordialmente a compreensão do pesquisador do seu próprio *Eu*, assim como para a Autopoiesis de Maturana e Varela: “a libertação do ser humano está no encontro profundo de sua natureza consciente consigo mesma” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 26). Ao pesquisador é permitido e incentivado o acesso ao seu campo cognoscitivo, pois assim como para os estudos de Maturana e Varela,

A preocupação central da Autopoiesis não é exclusivamente a realidade e a existência do mundo, mas a forma como interpretamos o mundo e compreendemos a realidade, partindo do princípio de que é preciso compreender como compreendemos, ou seja, compreender o modo pelo qual fazemos uso de nossa própria compreensão, enquanto seres humanos e observadores (ANDRADE, 2012, p. 100).

Na Autopoiesis, o homem que vive conhece e é responsável por suas ações e decisões, como ser autônomo, onde *sua* reflexão consciente propicia *sua* própria construção individual e de entendimento, pois

[...] viver é conhecer. Entender, pois, que viver é conhecer torna ainda mais necessário os estudos epistemológicos por ressaltar a importância do conhecimento, como algo constitutivo da própria existência. Nisto consiste uma análise que considera a vida, e toda a complexa rede que a envolve, como a linguagem, a razão e a emoção, enquanto objetos de estudo da epistemologia, a partir da experiência do homem na linguagem e, por conseguinte, nas relações humanas. A preocupação central da Autopoiesis não é exclusivamente a realidade e a existência do mundo, mas a forma como interpretamos o mundo e compreendemos a realidade, partindo do princípio de que é preciso compreender como compreendemos, ou seja, compreender o modo pelo qual fazemos uso de nossa própria compreensão, enquanto seres humanos e observadores (ANDRADE, 2012, p. 100).

Da mesma forma que a Autopoiesis relaciona compreensão e interpretação para conhecer, a AFH com estruturação na IES estabelece a existência por meio da essência, com a fenomenologia hermenêutica e o *Eu* que

aprende sob uma perspectiva mais ampla, “[...] *como e onde* buscar a si mesmo [...]” (BARROS, 2008, p. 103).

O primeiro passo é perceber e permitir o entendimento de que “[...] somos seres *condicionados* mas não *determinados*” (FREIRE, 1996, p. 19), ou seja, estamos *fadados* a seguir condições que foram estipulados pelo bem comum e determinadas pelos fatos e não pelas essências onde “[...] há incomensurabilidade entre as essências e os fatos, e quem começa sua investigação pelos fatos nunca conseguirá recuperar as essências” (SARTRE, 2014, p. 20).

Se, ao contrário, com os partidários da teoria periférica, penso que ‘uma mãe está triste porque ela chora’ limitar-me-ei, no fundo, a inverter a ordem dos fatores. O que é certo, em todo o caso, é que não buscarei explicação ou as leis da emoção em as estruturas gerais e essenciais da realidade humana, mas sim *nos processos da própria emoção*, de modo que, mesmo devidamente descrita explicada, ela nunca será senão um fato entre outros, um fato fechado em si que nunca permitirá compreender outra coisa senão ele, nem captar, através dele, a realidade essencial do homem (SARTRE, 2014, p. 19).

A pesquisa determinada somente pela análise e compreensão dirigida aos fatos torna-se isolada, com significado de *coisa*, e recusa a interrogação da consciência, fundamentando-se em uma perspectiva positivista que privilegia “[...] o acidente ao essencial, o contingente ao necessário [...]” (SARTRE, 2014, p. 16). Na IES, aos fatos são necessárias a inspeção e classificação, pois “a simples consideração dos fatos nos conduz a uma intuição empírica da significação finalista da emoção” (SARTRE, 2014, p. 47). Para tal, poderá ser realizada a inspeção e a classificação, de maneira completa, por meio das essências no princípio da emoção com cunho de compreensão por empatia, por isso a utilização da fenomenologia da emoção, de Jean-Paul Sartre, ao compreender a aplicação da IES,

[...] que, após ter ‘colocado o mundo entre parênteses’, estudará a emoção como fenômeno transcendental puro, e isto se dirigindo não a emoções particulares, mas buscando atingir e elucidar a essência transcendental da emoção como tipo organizado de consciência (SARTRE, 2014, p. 22).

Compreender, emergir e refletir na IES remete à projeção ao que está sendo estudado, para contribuir às condições da emoção significativa em seu próprio *Eu* (pesquisador) e à reformulação da compreensão pela interpretação profunda do fenômeno observado/estudado, permitindo-se uma modificação de seu ser enquanto

essência e assim “[...] revelar os significados subjetivos e implícitos que penetram no universo dos atores sociais” (MINAYO, 1992, p. 56).

Ao concluir a IES, o pesquisador realizará a apresentação da visão geral do estudado, contemplando a interpretação compreensiva do observado entre meio aos referenciais teóricos, concepções e percepções do pesquisador no texto, pois “[...] enquanto o ver teórico é um ver que objetifica, o ver compreensivo é um ver que permite o acesso ao acontecimento-apropriação” (SEIBT, 2012, p. 88). É importante salientar que a conclusão não implica em um *esgotamento* do estudado, nem tampouco na finalização concreta da pesquisa, pois “[...] a Pesquisa Social não pode ser definida de forma estática ou estanque. Ela só pode ser conceituada historicamente e entendendo-se todas as contradições e conflitos que permeiam seu caminho” (MINAYO, 1992, p. 25). Ou seja, em momentos diferentes, com pesquisadores diferentes, o mesmo pesquisador em outras ocasiões, ou até mesmo após a apreensão dos significados na finalização do estudo, as percepções são *mutáveis*, pois “[...] a pesquisa e os pesquisadores vivem sob o signo das contingências históricas de sua atividade” (MINAYO, 1992, p. 27), em um movimento de construção e desconstrução de conhecimentos e saberes.

## PARTE III

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não, não tenho caminho novo. / O que tenho de novo / é o jeito de caminhar. *Thiago de Mello*

A proposta descrita nos capítulos anteriores instiga pesquisadores sêniores da área do ensino de ciências a realizarem pesquisas observacionais, ou que envolvam entrevistas, sem a necessidade da fragmentação dos fenômenos e/ou suspensão/supressão de suas concepções, de cunho compreensivo e integrativo, cuja análise envolva a fenomenologia hermenêutica (AFH) com metodologia encaminhada pela interpretação essencial sintética (IES). É uma pesquisa qualitativa “[...] que quer fazer jus à complexidade da realidade, curvando-se diante dela, não o contrário, como ocorre com a ditadura do método ou a demissão teórica que imagina dados evidentes” (DEMO, 2013, p. 118), uma alternativa para o ensino de ciências quando os dados não se mostram na forma textual, mas em sua essência e em um mundo de significados.

A motivação, como orientação a estes novos pensamentos e conhecimentos, atrelados ao desenvolvimento de saberes, para inserção desta proposta no ensino de ciências é originada pelo contexto e história de vida do autor dessa dissertação, cujas escolhas profissionais resultaram em grandes modificações pessoais, e vice-versa, em que *impulsos* internos à inquietação frente às mesmices monótonas originaram as laudas anteriores, no movimento de transdisciplinaridade para transcender ao óbvio com um olhar crítico ao que se mostra em sua essencialidade.

Apesar de tratar-se de uma dissertação considerada teórica, as possibilidades da AFH e IES possuem implicações práticas para o ensino em ciências, ao próprio pesquisador e suas visões de mundo, em um diálogo permanente com a realidade e interligação entre conhecimentos e saberes. No

desenvolvimento dessa linha de pesquisa, presume-se uma nova postura frente às observações, não só pelos fatos e historicidade, mas pela essência e interpretação do fenômeno, na assunção das concepções do próprio pesquisador como ser atuante em seu desenvolvimento.

A AFH é uma proposta alinhada com uma sociedade pós-moderna liberta e reflexiva aos fenômenos em um filosofar. Ao interligar fenomenologia e hermenêutica constrói-se um novo jeito de caminhar por caminhos antigos da filosofia, aplicáveis abundantemente no ensino para *ver/interagir* com o *compreender* nas vivências do fenômeno observado, na busca pelo significado a partir do contexto em que o significante se mostra, concomitantemente com a inserção das visões de mundo do próprio pesquisador, como sujeito ativo de sua própria pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Marcos Alexandre. Da Hermenêutica Filosófica à Hermenêutica da Educação. **Acta Scientiarum. Education**, v. 33, n.1, p. 17-28, 2011.

ANDRADE, Claudia Castro de. A Fenomenologia da Percepção a Partir da Autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. **Griot - Revista de Filosofia**, v. 6, n. 2, p. 98-121, dez. 2012.

ANDRÉ, Maria Eliza Dalmazo Afonso. Texto, Contexto e Significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 45, p. 66-71, 1983.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, Maria Cristina Monteiro de (Org.). **A Consciência em Expansão: os caminhos da abordagem transpessoal na educação, na clínica e nas organizações**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org.). **Pesquisa Qualitativa Segundo a Visão Fenomenológica**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

BONJOUR, Laurence; BAKER, Ann. **Filosofia: textos fundamentais comentados**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COELHO JÚNIOR, Nelson Ernesto. Consciência, Intencionalidade e Intercoporeidade. **Paidéia**, v. 12, n. 22, p. 97-101, 2002.

CORETH, Emerich. **Questões Fundamentais de Hermenêutica**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

CORDEIRO, Mariana Prioli; SPINK, Mary Jane Paris. Por uma Psicologia Social não Perspectivista: contribuições de Annemarie Mol. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 338-356, 2013.

DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval: textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

DEMO, Pedro. **Metodologia da Investigação em Educação**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

DESCARTES, René. **Meditações**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ERBER, Pedro Rabelo. **Política e Verdade no Pensamento de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2003.

FABRI, Marcelo. **Fenomenologia e Cultura**: Husserl, Levinas e a motivação ética do pensar. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FARBER, Marvin. Edmund Husserl e os fundamentos de sua filosofia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. XVIII, n. 2, p. 235-245, 2012.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II**: complementos e índice. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto – A fenomenologia de Husserl? **Ideação**, n. 5, p. 13-36, 2000.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995.

GUERRA, Isabel Carvalho. **Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo**: sentidos e formas de uso. Portugal: Editora Princípia, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**: Parte I. São Paulo: Editora Vozes, 2005.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**: Parte I. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1992.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

ISKANDAR, Jamil Ibrahim; LEAL, Maria Rute. Sobre Positivismo e Educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 3, n. 7, p. 89-94, set./dez. 2002.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

JUNG, Carl Gustav. **A Dinâmica do Inconsciente**: Sincronicidade – 8/3. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1984.

LAGO, Clenio. **Experiência Estética e Formação**: articulação a partir de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.



LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LUFT, Eduardo. A Fenomenologia como Metaepistemologia. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, ano 3, n. 04, p. 1-11, jun. 2006. Disponível em: <<http://www.hegelbrasil.org/rev04a.htm>>. Acesso em: nov. 2015.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

LUNA FILHO, Bráulio. Sequência básica na elaboração de protocolos de pesquisa. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 71, n. 6, p. 735-740, 1998.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães. A Abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães; CASTRO, PA (Org.). **Etnografia e Educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>> Acesso em: nov. 2015.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do Conhecimento**: as bases biológicas do entendimento humano. São Paulo: Editora Psy II, 1995.

MELLO, Thiago de. **Faz Escuro mas eu Canto**: porque o amanhã vai chegar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, Out-Dez. 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência e Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

NETOJ, Pedro Adalberto Gomes. Hegel: fenomenologia, saber fenomênico e formação. In: IV Congresso de Fenomenologia da Região Centro-Oeste, 2011, Goiás. **Anais...** Goiás: UFG, 2011. p. 57-64.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.

NOGUEIRA, Adriano. **Filosofia, Ciência, Complexidade**: questões para a educação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

NOVELLI, Pedro Geraldo. O Conceito de Educação em Hegel. **Interface\_ Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, n.9, p. 65-88, 2001.

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PESSOA JÚNIOR, Osvaldo. Reduccionismo e o experimento mental da duplicação humana. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 22, n. 30, p. 69-81, jan./jun. 2010.

PIVA, Angela et al. Origens do Conceito de Intersubjetividade: Uma Trajetória entre a Filosofia e a Psicanálise Contemporânea. **Revista Contemporânea**, Porto Alegre, n. 09, p. 71-91, jan./jun. 2010.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2011.

RAMÓN, Saturnino Pesquero. A importância da *Act-Psychology* de Franz Brentano. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 19, n. 2, p. 340-345, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma Teoria das Emoções**. Tradução de: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2014. 96 p.

SCHMIED-KOWARZIK, Woldfdietrich. **Práxis e Responsabilidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SEIBT, Cezar Luís. Heidegger: da fenomenologia reflexiva à fenomenologia hermenêutica. **Princípios – Revista de Filosofia**, Natal (RN), v. 19, n. 31, p. 79-98, jan./jun. 2012.

SILVA, Éliton Dias. A História da Filosofia e o Filosofar: um olhar a partir de Kant. **Revista Filogenese**, v. 6, n. 2, 2013.

SILVA, Maria Alice Siqueira Mendes. Sobre a Análise de Discurso. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 4, n. 1, 2005.

SILVEIRA, Fernando Lang da. A Teoria do Conhecimento de Kant: o idealismo transcendental. **Caderno Catarinense do Ensino de Física**, v. 19, número especial, p. 28-51, mar. 2002.

SISNANDO, Alessandra Uchôa. A Figura da Consciência-de-si na Fenomenologia do Espírito. **Revista Eletrônica Estudos Hegelianos**, ano 2, n. 03, p. 1-4, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.hegelbrasil.org/rev03u.htm>>. Acesso em: nov. 2015.

SOARES, Josemar Sidinei. **Consciência-de-si e Reconhecimento na Fenomenologia do Espírito e suas Implicações na Filosofia do Direito**. 2009. 312 f. Tese (Doutorado em Filosofia)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

SOMMERMAN, Américo. **Inter ou Transdisciplinar?** Da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes. São Paulo: Paulus, 2006.

SOUZA, Osmar. Abordagens Fenomenológico-hermenêuticas em Pesquisas educacionais. **Revista de Educação da Univali**, n. 1, p. 31-38, 2001.

SEIBT, Cezar Luís. Heidegger: Da Fenomenologia 'Reflexiva' à Fenomenologia Hermenêutica. **Princípios Revista de Filosofia**, v. 19, n. 31, p. 79-88, janeiro/junho 2012.

STEIN, Ernildo. **Diferença e Metafísica**: ensaios sobre a desconstrução. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

TÔRRES, José Júlio Martins. Teoria da complexidade: uma nova visão de mundo para a estratégia. In: I Encontro Brasileiro de Estudos da Complexidade, 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC/PR, 2005. p. 1-10.

THUMS, Jorge. **Ética na Educação**: filosofia e valores na escola. Canoas: Editora ULBRA, 2003. 480 p.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

VENTURA, Magda Maria. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Revista SOCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, set./out., 2007.

WELLS, Gordon. **Indagación Dialógica**: hacia una teoría y una práctica socioculturales de la educación. Barcelona: Editorial Paidós, 2001.

ZILLES, Urbano. **Teoria do Conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.